a Cena muda

CINEMA e RÁDIO

Ângela Maria vai cantar nos Estados Unidos

Rock Hudson, novo ídolo de Hollywood

A visita de Pier Angeli e Debbie Reynolds

N.º 16 ★ 15-4-53 ★ CR$ 4,00 EM TODO O BRASIL





É A "MELHOR CABEÇA" DA ESCOLA... E USA O "MELHOR CALÇADO DO MUNDO".







insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

O Brasil fabrica o melhor calçado do mundo e a **INSINUANTE** *vende o melhor calçado do Brasil*

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

LEVY KLEIMAN

apresenta em



CINEMA

Reportagens especiais

A' terceira comédia da Vera Cruz: "Uma pulga na balança"	4-5
Uma trinca de Hollywood visita o Rio	7
Marika Rokk já foi domadora de leões	11
O novo ídolo de Hollywodd (Rock Hudson)	18-19
"Dona Xepa", de Pedro Bloch, será filmada	21-22

Histórias de fitas

De Tanga e Sarong	12
Coração Ingrato	14
Agulha no Palheiro	16-17

Seções permanentes

Comentário	3
Estréias no Mundo do Cinema	6
Telas da Cidade	8-9
Notícias e Comentários do Cinema Nacional e Atrás das Cameras	10
Cine-Muncial	13
Hollywood Boulevard	15
Cena Responde e Cine Critica do Leitor	20

RÁDIO

Reportagens especiais

Angela Maria vai ver Tio Sam	23-24-25
Pagano Sobrinho, humorista de autarquia	30-31

Seções permanentes

Disse-me-disse, daqui-dali-dacolá, vale a pena saber e pontos de vista	28
Sintonizando e Rádio-Social	33

Música popular

Cena-DISCOS, por Edel Ney	29

COMENTÁRIO

"O diretor de fotografia"

O tipo caricatural do velho operador cinematográfico de outrora, dando voltas numa manivela tal como nos apresentou René Clair em "Le Silence est d'Or", deu lugar ao técnico experimentado, ao especialista competente que os americanos chamam com justa razão de "Diretor de Fotografia".

Sua tarefa é dura e complexa, se pensarmos que tem que agradar a meio mundo, desde o diretor até o costureiro, passando pelos atores e decoradores, cada qual querendo que seu trabalho possa realçar ao máximo.

A palavra "Fotogenia" já passou de moda, apesar de Jean Epstein afirmar que ela é "a mais pura expressão do cinema". Assim pois, é deveras importante, tanto para o diretor como para o fotógrafo, fazer com que o argumento escolhido resulte numa obra a mais fotogênica possível.

Dentro dêsse princípio, a luz será o maior instrumento, o material nº 1 que deve reinar sôbre a face dos atores, sôbre os "dècors", sôbre os acessórios e menores objetos. Deverá também situar o clima da película, seja trágica, cômica ou fantástica. As decorações não adquirem tôda a sua significação senão graças à relação que se estabelece entre a luz direta e à ação que se desenrola. Graças à projeção da luz sôbre um "dècor", êste poderá suscitar no espectador a impressão de drama ou de comédia (antes mesmo que os atores intervenham), impressão essa que poderá exercer uma certa atração, aumentando a credulidade da narrativa que as imagens apresentam.

Quando os preparativos da película estão terminados, o argumento preparado, os artistas contratados, as decorações escolhidas e o início da filmagem demarcado, sem tratar de ofender a ninguém ou de diminuir o valor dos que colaboram na realização do filme, tem-se que admitir que seus verdadeiros obreiros são o diretor e o fotógrafo. E o ideal é que os dois possam entender-se da melhor maneira possível.

Será necessário assinalar os demais encargos de que se incumbe o diretor de fotografia? Deverá acompanhar de perto os delicados trabalhos de laboratório, sendo a única pessoa capaz de dizer do valor de um "take", segundo a sua luminosidade, dando as necessárias instruções para que não seja desvirtuado nem pela revelação nem pela edição. Deverá ter sempre presente as possíveis diferenças de emulsões empregadas na película, para fazer frente a defeitos que por ventura viessem tirar a unidade de seu trabalho. Compete a êle indicar, em cada cena, o diafragma e os filtros a serem utilizados. E finalmente deverá seguir de perto a constante evolução da técnica, a fim de manter-se em dia com ela.

Fora de sua camera, o diretor de fotografia tem que opinar com o decorador sôbre todos os detalhes, se, por exemplo, as côres e a transparência das cortinas vão bem; com o modista sôbre a matéria das indumentárias, etc. Por fim, encontramos o diretor de fotografia como um perito conhecedor de artes plásticas que sabe corrigir um defeito natural ou dar juventude a um rosto envelhecido.

Profissão muito tentadora, mas fatigante. Os esforços contínuos do diretor de fotografia só terminam mesmo com a projeção do filme na tela. Aí, êle vai ver sua obra, mal dissimulando o nervosismo quando vê sua "foto", não sem uma certa emoção, receber os comentários de aprovação que as imagens belas podem despertar.

ROGER HUBERT

NOSSA CAPA

Rock Hudson, o novo ídolo de Hollywood, um gigante que conquistou o coração das mocinhas americanas, e sôbre o qual apresentamos uma reportagem tipo história em quadrinhos na dupla central. (Foto Universal).

A CENA MUDA

Fundada em 1921
Propriedade da

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Director — *Gratuliano Brito*
Assistente — *Renato de Alencar*
Publicidade: *Severino Lopes Guimarães*
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES:

Redação	22-4447
Publicidade	22-9570
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Endereço Telegráfico: "REVISTA"
Representante nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito. 1818, N. Whitley — Av. — apt. 202, Hollywood, 28. Califórnia.

EM S. PAULO:
Distribuição e Venda: A. Zambardino. Rua Capitão Salomão, 69. Telefone: 34-1569.
Publicidade: J. Gomes Bastos. Rua Barão de Itapetininga nº 224 — 6º andar — Sala 60.

PREÇOS:

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	4,00
Número atrasado	Cr$	4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$	200,00
Assinatura semestral (26 núm.)	Cr$	100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$	230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	180,0[illegible]



Waldemar Wey e Gilda Nery no filme dirigido por Luciano Salce

A TERCEIRA COMÉDIA DA VERA-CRUZ:

UMA PULGA NA BALANÇA



Armando Couto e Waldemar em «Uma Pulga na Balança

Depois de lançar duas comédias, "Sai da Frente" e "Nadando em dinheiro", ambas dirigidas por Abílio Pereira de Almeida e protagonizadas por Mazzaropi e Ludy Veloso, a Vera Cruz anuncia sua terceira produção do gênero, "Uma pulga na balança", com direção de Luciano Salce e interpretação de Waldemar Wey, Gilda Nery e Luís Calderaro.

ESTRÉIA DE UM DIRETOR

Ainda para imprimir um cunho todo especial ao lançamento de "Uma pulga na balança", destaca-se que a nova fita da Vera Vruz vai dar a conhecer um novo diretor, Luciano Salce, nome que se impôs na cena nacional através a criação de grandes espetáculos no T. B. C. e que faz sua estréia no cinema. Salce é natural da Itália, mas encontra-se no Brasil há vários anos. Em seu país, após bacharelar-se em direito pela Universidade de Roma e fazer o curso de diretor, na famosa Academia de Arte Dramática daquela capital, dirigiu cêrca de uma dezena de peças em Roma, Milão e Florença, de autores como Maeterlinck (O Milagre de S. Antônio — 1946), Anouilh (Baile dos ladrões — 1947), Dumas, pai, Labiche, Bontempelli, Moliére e Sauvajon. Contratado pelo T. B. C., o jovem e brilhante diretor veio para o Brasil em 1950, aqui impondo-se desde logo como um dos melhores registas teatrais, através criações de peças de Wilde, Tenessee Williams, Kaufman, Barrillet, Dumas e outros, tôdas elas encenadas no Teatro Brasileiro de Comédia.

Mas Luciano Salce não emprestou o valor de sua contribuição técnica e artística ùnicamente à cena brasileira. Foi diretor de dublagem do filme da Vera Cruz "Terra é sempre terra" e figurou em "Ângela", como ator, ao lado de Eliane Lage e Alfredo Ruschel. Na Itália fêz crítica de cinema em revista e jornais especializados e colaborou em "scripts" de numerosos filmes, participando de equipes técnicas e artísticas, em diversas produções, basificando, dessa forma, uma experiência deveras valiosa, que agora pôs a serviço do cinema nacional em seu primeiro filme no Brasil.

FORMA E CONTEÚDO EM CINEMA

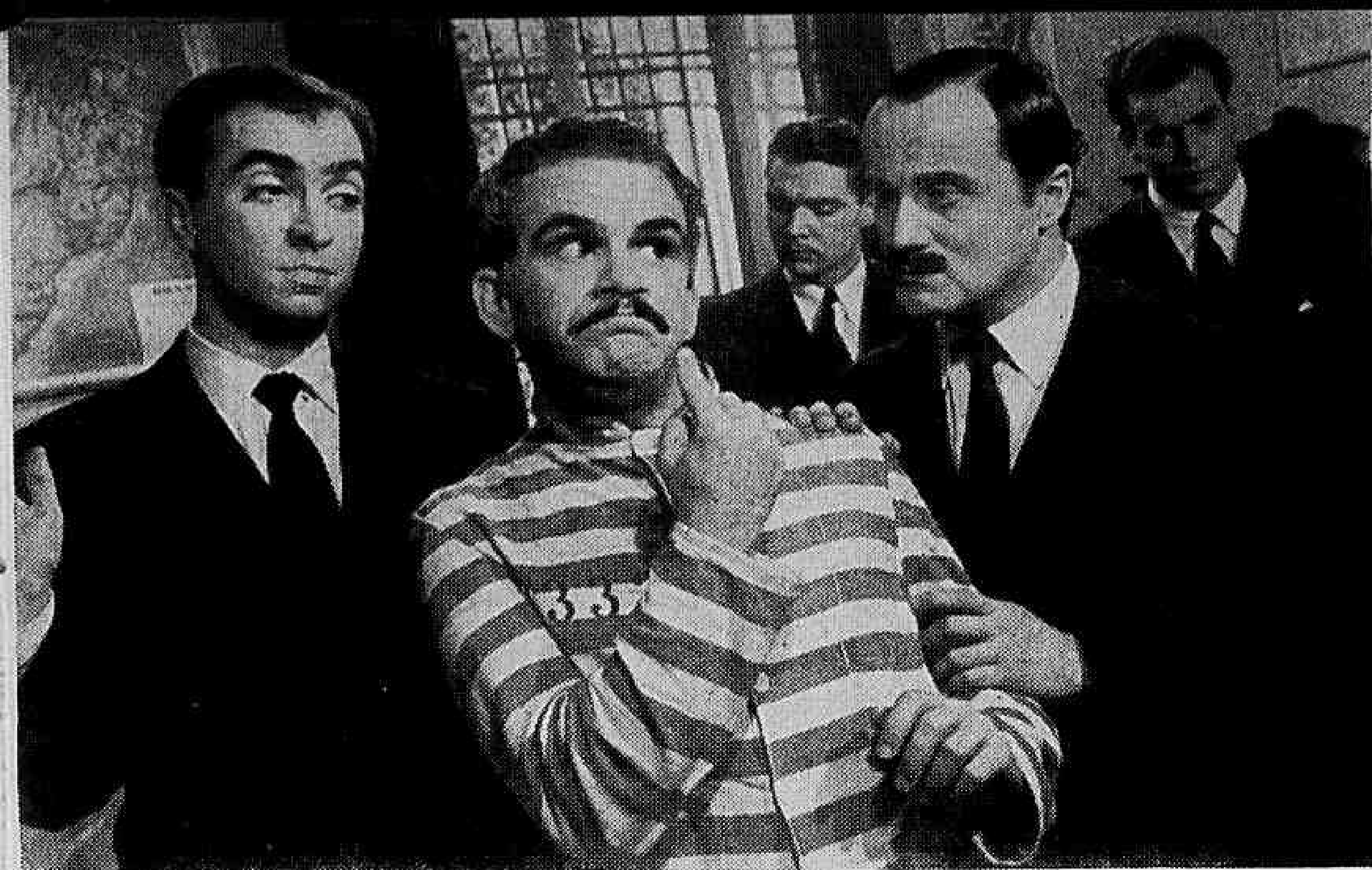
A propósito da realização de "Uma pulga na balança", Luciano Salce nos fêz as seguintes declarações:

"Há duas maneiras de se fazer cinema — ou talvez de se fazer tôdas as artes — embora no cinema essas duas estradas me pareçam mais definidas e divergentes do que em outros campos — uma, aquela de acreditar no cinema como absoluto, não sòmente como meio de expressão, como veículo de idéias, mas como idéia-matriz êle mesmo, arte pura e reprodução fiel de uma realidade natural. Êsse é o cinema puro, o cinema visual, o cinema dos teóricos, de Canudo, Germaine Dullac, Richter, Cavalcânti da primeira fase, enfim o plástico, o cinema "cinema".

Por outro lado, há quem se preocupe com cinema apenas como meio de expressão, para transmitir ao público idéias ou sentimentos, pouco se importando com os resultados técnicos, com a elegância ou a originalidade da forma, contanto que o conteúdo resulte claro e penetre nas almas e nos corações do público.

Penso que o ideal de todo homem de cinema, como de todo artista, deveria ser o de conseguir uma suprema harmonia entre essas duas correntes, de vir a ser uma espécie de Goethe na sétima arte, que conjugasse forma e conteúdo num sublime ideal de beleza.

Infelizmente os Goethe ainda escasseiam, sobretudo no cinema que, por sua natureza é tão próximo da crônica e dos fatos contingentes e longe dos temas eternos, dos grandes mitos da Humanidade. Pessoalmente, faltando-me por enquanto as fôrças e as experiências para tentar êsse trabalho de síntese, confesso minha preferência pelo segundo caminho. As idéias, fatos, sentimentos, caracteres, personagens, situações, me interessam mais do que o puro exercício do cinema visual. Gosto das histórias "clássicas" do cinema.



Waldemar Wey e Paulo Autran



Que vida boa, a do chantagista

daquelas que se podem contar em quatro linhas. Aliás, a história básica, o achado central de "Uma pulga na balança", como Fábio Carpi me contou em quatro palavras um dia em 1951, conquistou-me imediatamente e por isso decidi-me a realizá-la.

ESTILO E REPRESENTAÇÃO

"Uma pulga na balança" foi desde o comêço para o realizador, antes de tudo, uma questão de estilo: era uma comédia e um drama, era realidade e era fantasia, era "ballet" e era pantomima: "Eu tive que encontrar antes de tudo, um tom geral que abrange a generalidade e, portanto, atores capazes de serem cômicos ou amargos, segundo as necessidades.

O meu passado e a minha própria natureza de homem de teatro me levaram a considerar para êsse filme, de preferência. atores de teatro. Contràriamente aos demais, acredito no ator de teatro como intérprete cinematográfico. Êle tem uma capacidade transformística, isto é, de se adaptar a qualquer papel, enquanto o ator de cinema procura adaptar o papel a si mesmo. O ator de cinema trabalha geralmente graças ao seu físico; o de teatro, graças às suas qualidades de intérprete.

GRANDE INTERPRETAÇÃO DE WALDEMAR WEY

"Uma pulga na balança" precisava sobretudo de atores com experiência de composição, da construção de papéis. Waldemar Wey, que escolhí para o papel de Dorival, protagonista do filme, devia ser sucessivamente simpático e antipático, irônico, espirituoso, sério, melancólico, irritado, mordaz, "clownesco", sentimental, hipócrita, genial e imbecil. Acredito que teria sido muito difícil conseguir tudo isso de outro ator acostumado por natureza, ou pela própria vontade do público ou dos produtores, a ser sempre êle mesmo. Por isso, todo o esfôrço, a dedicação, o brilho e a autoridade com que Waldemar Wey desempenhou o seu papel merecem o meu louvor, antes da aprovação do público, que espero não lhe falte. E já que se fala em público, quero lembrar que confio no sucesso popular de meu primeiro filme. Às vêzes — espero que isso não pareça presunçoso de minha parte — são mesmo os chamados "filmes para elite" que obtém sucesso popular e os chamados "filmes para o povo" deixam o próprio povo frio e indiferente. O seu, que aparentemente deveria ser incluído entre os "filmes de elite", é capaz de agradar também, e sobretudo, o povo, por algo de secreto e subtil, mas sempre presente, que — embora escondido — o público acaba sempre descobrindo e apreciando: uma veia de humanidade que corre por todo o filme, e que só no final — um desfêcho inesperado e talvez brutal, mas a meu vêr, necessário — se realiza plenamente.

O público tem um sexto sentido excelente para captar o que há de humano e de íntimo num filme, e às vêzes gosta mais dessa gradual descobrta do que doutras histórias dum sentimentalismo superficial evidente, que o irrita, sem comovê-lo. Mas, se eu pudesse prever as reações do público para êsse filme estranho e certamente insólito no quadro do cinema brasileiro, optaria por uma profissão muito mais rendosa: a de mágico. Sendo só diretor, não me resta senão aguardar os resultados e preparar outros filmes melhores para o futuro.

O ELENCO

Além de Waldemar Wey e Gilda Nery, Salce lança também no cinema um grande "cast" de profissionais do teatro, agora reunidos num só filme: Luís Calderaro, Paulo Autran, Maurício Barroso, Armando Couto, Celia Biar, Xandó Batista, Jaime Barcelos, Benedito Corsi e mais Spala, Nelson Camargo, Vicente Leporace, Mário Sena, José Rubens e Geraldo José, os dois últimos conhecidos rádio-atores do sem fio paulista.

A HISTÓRIA DO FILME

Comédia irônica, cheia de situações da melhor comicidade, "Uma pulga na balança" possui uma idéia de grande originalidade, idéia que se desenvolve e de íntimo num filme, e às vêzes gosta mais dessa gradual descoberta do ordinàriamente inesperado. Pode-se afirmar que a ironia e a sátira não lhe são involuntárias. Elas existem porque seus personagens, embora fictícios, são seres fáceis de encontrar numa sociedade capaz de dar-lhes vida.

Em poucas linhas, o entrecho de "Uma pulga na balança" resume-se na história de um pequeno ladrão que imagina dar um golpe espetacular na praça. Para tanto, faz-se prender propositalmente, em situação muito engraçada e, uma vez na prisão, passa a agir com a eficiência de uma quadrilha inteira de ladrões.

Dorival (Waldemar Wey), tipo original de chantagista, põe em pânico inúmeros herdeiros através misteriosas cartas com as quais consegue impor-se junto aos órfãos de determinadas figuras de alto destaque social, recém-falecidas. E assim, o golpista consegue assenhorear-se de grandes somas, dizendo-se sócio oculto dos figurões cujos corpos recém-receberam solenes sepultamentos.

A forma como Dorival consegue invulgar prestígio dentro e fora da prisão. os jantares e as festas que promove em plena penitênciária, a vida celular que o cerca, as visitas que recebe e seus golpes espetaculares, bem como suas conquistas amorosas, fazem dêle uma das figuras mais ricas da ficção cinematográfica e o erigem num autêntico personagem. Por isso tudo "Uma pulga na balança" é uma comédia fadada a impor-se, pois tem a marca e o destino certo das criações realmente cinematográficas e artísticas.

OS OUTROS MEMBROS DA EQUIPE

Dentre os principais membros da equipe de "Uma pulga na balança" destaca-se o nome do autor da história, Fábio Carpi, que também redigiu o roteiro do filme. Fábio Carpi é diretor do Departamento de Argumentos da Vera Cruz. Outro elemento de valor é Ugo Lombardi, natural da Itália, onde participou, na sua especialidade de diretor de fotografia, de mais de 50 filmes, destacando-se dentre êles "Pietro Micca", "Equatore", "Piccolo Hotel", "I Mariti", dirigidos, respectivamente, por Vergeno, Valori, Ballerini e Matrocinque.

No Brasil, Lombardi iluminou numerosos filmes de outras produtoras que não a Vera Cruz, sendo posteriormente chamado a emprestar a sua colaboração a "Uma pulga na balança".

E ainda temos a destacar o nome de Vittorio Cusani, com larga fôlha de serviços prestados ao cinema peninsular e que é o diretor de produção de "Uma pulga na balança". Sidney Davis, operador; Geraldo Santos Pereira, um jovem que fêz o curso no Instituto de Altos Estudos Cinematográficos, de Paris, assistente de direção; Geraldo Rodrigues, assistente de produção; Valery Fletcher, responsável pela maquiagem e Maria Aparecida "script-girls", completam a lista da primeira equipe de filmagem da nova comédia produzida pela Vera Cruz.



Paulo Autran faz ginástica



Waldemar e Gilda devidamente fardados



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

(Integralizado)

Carta Patente n.° 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) — Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00; Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.
b) — Resgate por antecipação;
c) — Resgate por falecimento;
d) — Dividendos ou bonificações anuais;
e) — Seguros contra acidentes pessoais;
f) — Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;
g) — Informações sôbre matéria de interêsse turístico;
h) — Reembôlso integral.

MENSALIDADE — 50,00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: **Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.° pav.**
Agências e Sucursais em todos os Estados
TELEFONE: 43-3475



Durante um intervalo de «I bove Melvin», Debbie Reynolds achou que deveria dançar com o acrobata Russ Saundrs. E o fêz muito gostosamente, como se vê...

ESTRÉIAS no MUNDO do CINEMA

"THE STAR" — 20th Century Fox

Bette Davis vive um drama de auto-crítica, ou seja, a história de uma estrêla do cinema, que ainda não se crê em decadência, papel mais ou menos semelhante ao que lhe coube naquele admirável "All About Eve" (A Malvada).

Em "The Star" tôda a tessitura do "script" se origina da afirmação de que "a mulher começa a viver quando morre a atriz". O filme oferecerá magníficos momentos, quer na análise de uma facêta como da outra.

Margaret Elliot (Bette Davis), a despeito dos fatos, não quer admitir o declínio de seu prestigio no cinema. Em crises de desespêro, ela se entrega à embriaguês, que termina por levá-la às grades da prisão. Um mecânico (Sterling Hayden), que tinha sido seu companheiro num filme e que também estava no ostracismo, dá-lhe uma oportunidade para recuperar seu equilíbrio mental. Desastradamente, Margaret, que ainda se julga uma "estrêla", volta ao cinema, buscando uma nova auréola em tôrno de seu nome, mas o "comeback" não servirá mais que para confirmar sua decadência...

PROGNÓSTICO: — Por seu desempenho nesse filme, Bette Davis foi apontada para o "Oscar" de 1952, que seria o terceiro se tivesse sido premiada. Esse detalhe já significa mais que uma grande credencial em favor dessa realização de Stuart Heisler.

(Cont. na pág. 34)

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 820 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 64? — São Paulo

A venda também nas Livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Músicas de São Paulo

Um dos constantes companheiros de Pier em Hollywood — aprovado por sua mãe... — é o jovial Raul Smandek, Vice-Cônsul do Brasil em Los Angeles.



De todos os estúdios de Hollywood, a Metro é a que mais envia seus artistas em "tournées" de aparições pessoais aos seus cinemas do mundo inteiro. Assim procedendo — a fim de intensificar a promoção de venda de seus filmes e, conseqüentemente, alcançar u'a maior renda de bilheteria — a M.G.M. vem, com isso, prestando um inestimável favor aos *fãs* cinematográficos que almejam conhecer seus artistas favoritos pessoalmente.

Diante do êxito da viagem de Kathryn Grayson e Howard Keel à América do Sul por ocasião do lançamento de "Barco das Ilusões", os estúdios da Marca do Leão resolveram enviar aos países latino-americanos mais três embaixadores artísticos da sua constelação. A escolha recaiu em PIER ANGELI, DEBBIE REYNOLDS e CARLETON CARPENTER, dignos

UMA "TOURNÉE" de BOA-VIZINHANÇA

PIER ANGELI, DEBBIE REYNOLDS E CARLETON CARPENTEN SÃO ESCOLHIDOS PELA METRO COMO EMBAIXADORES DA NOVA GERAÇÃO ARTISTICA DE HOLLYWOOD ★ DOIS DIAS EM SÃO PAULO E UMA SEMANA NO RIO ★ OS ARTISTAS FALAM À CORRESPONDENTE DE «A CENA» POUCO ANTES DE EMBARCAREM PARA O BRASIL

(De Hollywood para "A CENA") *DULCE DAMASCENO DE BRITO*

expoentes da nova geração que tomou de assalto o cinema hollywoodiano.

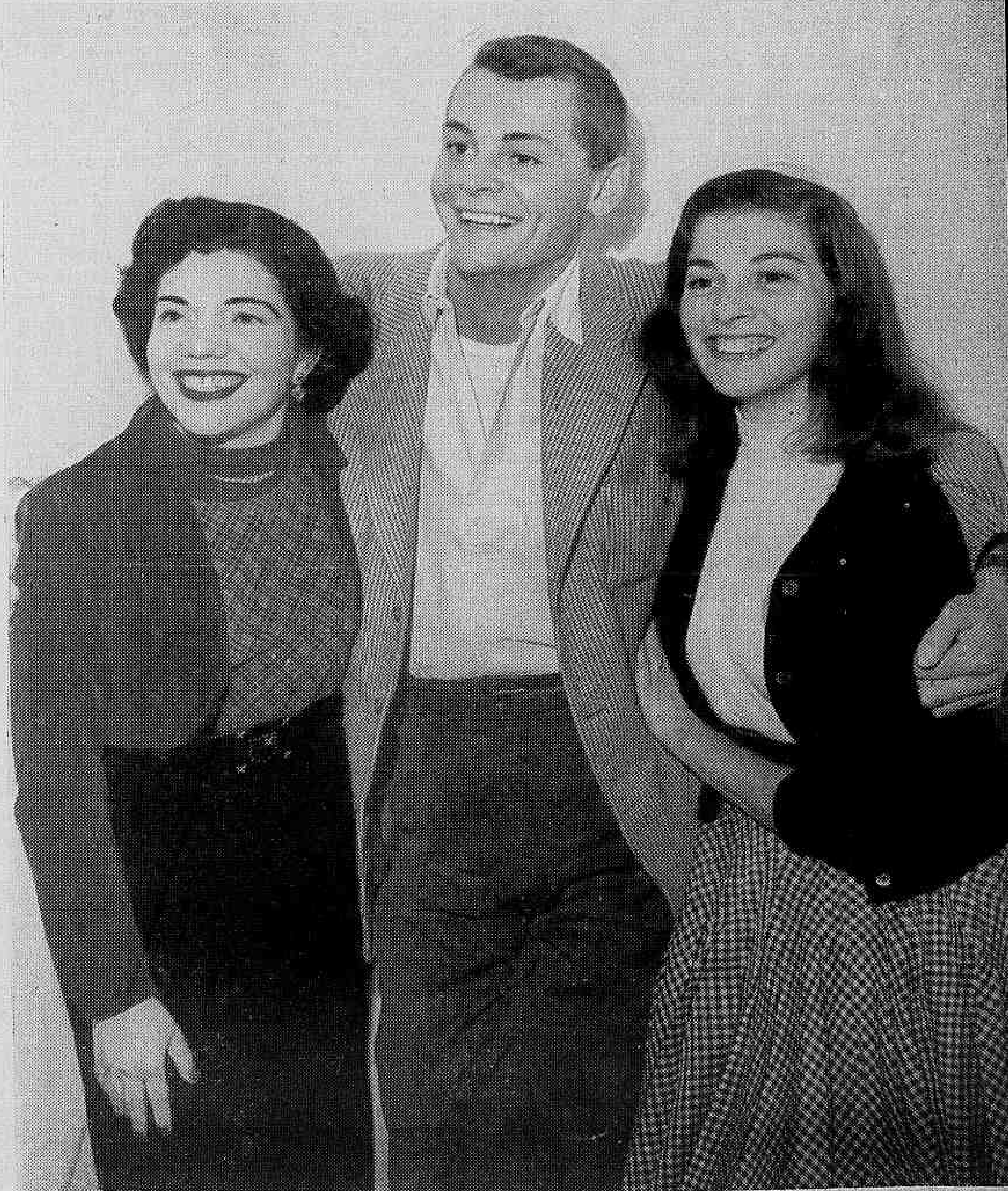
Sôbre DEBBIE REYNOLDS — a encantadora *estrelinha* de "Cantando na Chuva" — já falamos longamente em entrevista exclusiva, recentemente publicada em *A CENA* sob o título "De Fã a Estrêla". Nada mais há, pois, a dizer com relação à irrequieta personalidade da deliciosa *miudinha* da tela, cuja habilidade coreográfica e vibrante encanto pessoal conquistaram *fãs* no mundo inteiro, a ponto dos soldados americanos na Coréia exigiram que ela fôsse passar o Natal com êles. E é essa mesma Debbie cordial, simpática e bem humorada que os leitores brasileiros verão em pessoa dentro de poucos dias, pois ela possui idêntica personalidade na vida real.

PIER ANGELI já é bastante conhecida dos *fãs*. Seu primeiro filme italiano — "Amanhã Será Tarde Demais" — causou furor universal. Seu primeiro filme americano — "Teresa" — conquistou o coração de todos que o assistiram e consagrou Pier

(Cont. na pág. 32)



Ao regressar da Coréia — onde passou o Natal com os soldados americanos — Debbie foi recebida por sua mãe e seu cãozinho Tour Jete. A «estrelinha» de «Cantando na Chuva» estará no Rio dentro de poucos dias, devendo antes apresentar-se no Cine Metro de São Paulo



Nos estúdios da Metro, em Culver City, nossa correspondente em Hollywood é acolhida por Carleton Carpenter e Pier Angeli, dias antes de ambos empreenderem a viagem à América do Sul.



TELAS DA

HOMEM, MULHER E O DIABO

(The Devil Makes Three)

Acostumados que estamos em ver Gene Kelly dentro de sua própria especialidade, que é a dança, gênero em que tem conseguido os maiores sucessos de sua carreira artística, deparamo-nos aqui, não sem uma certa surprêsa, com Gene Kelly feito um capitão do exército americano que volta à Alemanha para procurar uma jovem que o tinha ajudado a escapar, durante a guerra. Em lugar, porém, de uma procura sossegada e turística, como era seu desejo, êle é envolvido numa tentativa para esmagar um grupo de remanescentes nazistas. Concomitantemente, Kelly também se envolve numa trama de contrabando de ouro, de que Pier Angeli é a causadora involuntária. Dessa parte em diante, desenvolvem-se seqüências de muita ação, tendo como «background» as ruínas de Berchtsgarden. Para um filme interpretado por atores fora de seu meio natural (Pier Angeli, inclusive), «Homem, Mulher e Diabo» colocou-se além de nossas espectativas, pois é um «thrilling» a que assistimos com prazer e interêsse.

GIGOLÔ e GIGOLETE

(Encore)

A maior qualidade de um novelista fecundo como Sommerset Maugham é mesmo o seu imenso poder de observação, é sua visão caleidoscópica da complexidade humana, é, em última palavra, um sentido de "welstanschaung", como dizem os pensadores germânicos, que raros ficcionistas conseguem ter, ou se têm, não sabem demonstrá-lo em expressões artisticas. Maugham é antes de tudo um analista frio e objetivo dos homens e das coisas e vem ser precisamente essa frieza e essa objetividade o que sufoca sua obra literária a ponto de confluir sempre para um fundo de ceticismo e de reversão de valores morais. Se o amplo conhecimento do comportamento humano é sua maior qualidade, a descrença nesse comportamento é seu maior defeito. é a parte sombria de uma obra paradoxalmente irradiante.

Nesses três contos que foram filmados sob o titulo de "Encore", Sommerset Maugham, homem de cinema e — podemos dizê-lo — ator de cinema (considerando-se o filme como um todo, Maugham é que é o principal ator) não difere em nada do literato e se revela mesmo no episódio "A Cigarra e a Formiga" um revolucionário de valores morais que o humor e a ironia não podem ocultar. Êste é uma transposição da fábula do mesmo titulo para o plano humano: um cavalheiro vadio e despreocupado a quem a sorte sempre sorri, em contraposição com seu irmão meticuloso, honosto e trabalhador para quem as coisas vão sempre mal e êle próprio não sabe o que seja um momento de fecilidade. O segundo episódio, que é o mais brilhante pelo jôgo de diálogos, é também o mais desolador e o menos cinematográfico. O próprio titulo diz que tudo se passa num cruzeiro de inverno ("Winter Cruise"), quando Miss Reid, uma solteirona excelente, rica e insuportável, se vê num dilema sentimental cujo artificio ela própria era a primeira a saber, mas mesmo assim, bastante compensador para os anhelos de uma solteirona. O último conto, "Gigolô e Gigolete", é o mais profundo de dissecação psicológica, na tentativa de penetrar no intimo de uma acrobata que realiza tôdas as noites, no cassino de

(Cont. na pág. 34)



MULHERES e LUZES

(Luci della Varietá)

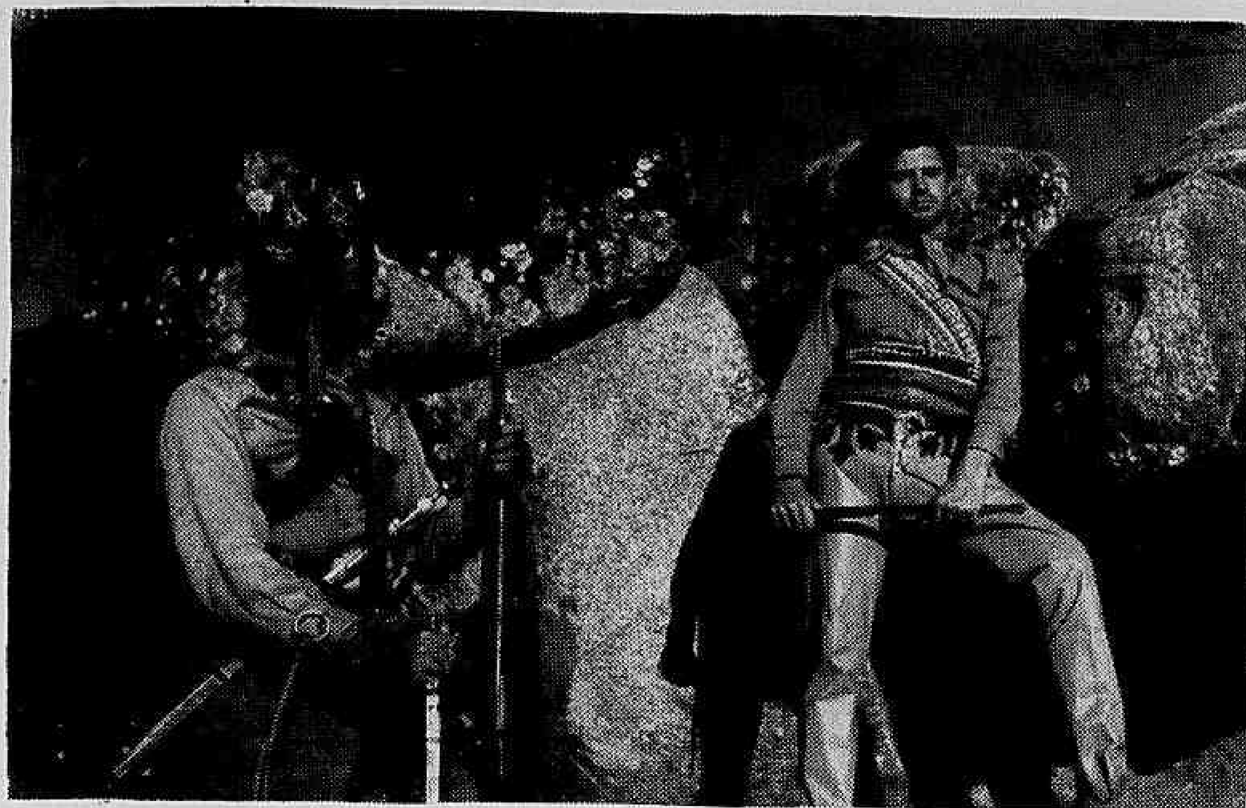
Focalizando o ambiente do teatro de variedades italiano, «Mulheres e Luzes» não é, todavia, um filme musical. Sua primeira preocupação não está na vida do palco, mas na dura contingência dos que fazem teatro para viver e, sobretudo, para sobreviver. Mais que a concretização de um sonho, o palco — com todo o seu cortejo de glórias efêmeras, com suas cruéis exigências em arracar dos artistas exatamente aquilo que não são, com seu pequeno mundo inteiramente superposto à realidade — é, para muitos dos que dêle fazem parte, uma batalidade trágica e inexorável. E' dêsse aspecto pessimista e desalentador que trata o filme de Alberto Lattuada. Aqui todos os contrastes têm um sentido. O da mocinha provinciana, sonhando com o mundo feérico da glória, que se mete numa «troupe» em que todos os seus elementos o que querem mesmo é o pão de cada dia. O da sexagenária «vedette» coberta de plumas e de lantejoulas, que se sente alvo de atração em meio a coristas jovens e semi-despidas. O contraste da jovem que dança desajeitadamente uma rumba e é aplaudida com o da mulherzinha que faz imitações tão ingenuamente sinceras de vultos históricos e é vaiada. Tudo aqui tem um sentido de decepção que, de resto, é lei natural de um mundo alicerçado no nada, como é o do teatro, principalmente quando fenece o ardor da mocidade, o gênio do talento e a capacidade inventiva.

Carla del Poggio é a principal figura do elenco, onde todos se destacam pela naturalidade com que vivem seus papéis. Vanja Orico canta com muita graça dentro de uma ótima idealização cenarística, a toada brasileira «Meu Limão, Meu Limoeiro...».



CIDADE

LÍVIO DANTAS





"O CANGACEIRO"

Primeira realização de Lima Barreto no campo da longa metragem. De suas bem sucedidas experiências como cinegrafista de obras de arte pura, revelando apreciável visão de formalismo estético em "Painel" e "Santuário", falem as elogiosas referências e os prêmios que mereceu, mesmo além de nossas fronteiras.

Agora, porém, estamos frente a uma **realização,** onde é pôsto à prova seu talento criador, ao invés de ùnicamente dar uma expressão cinematográfica a criações alheias como, de resto, aconteceu com seus trabalhos de documentação artística.

Já foi dito que um assunto como o do Cangaço não poderia ser levado à tela sem assumir um compromisso com a opinião pública e, destarte, o filme teria que ser a fixação sucinta e perfeita do flagelo que aterrorizou, até há bem pouco tempo, os sertões nordestinos e do leste brasileiro. Teria que referir-se às causas e à significação sociológica do banditismo, acentuando as condições humanas, sociais e geográficas que favoreceram o aparecimento de tão singular fenômeno. Teria, afinal, que narrar o drama dessa gente desajustada, sem deixar de abordar os fins a que se propunham e as influências psicológicas que sofreram êsses elementos fora da lei.

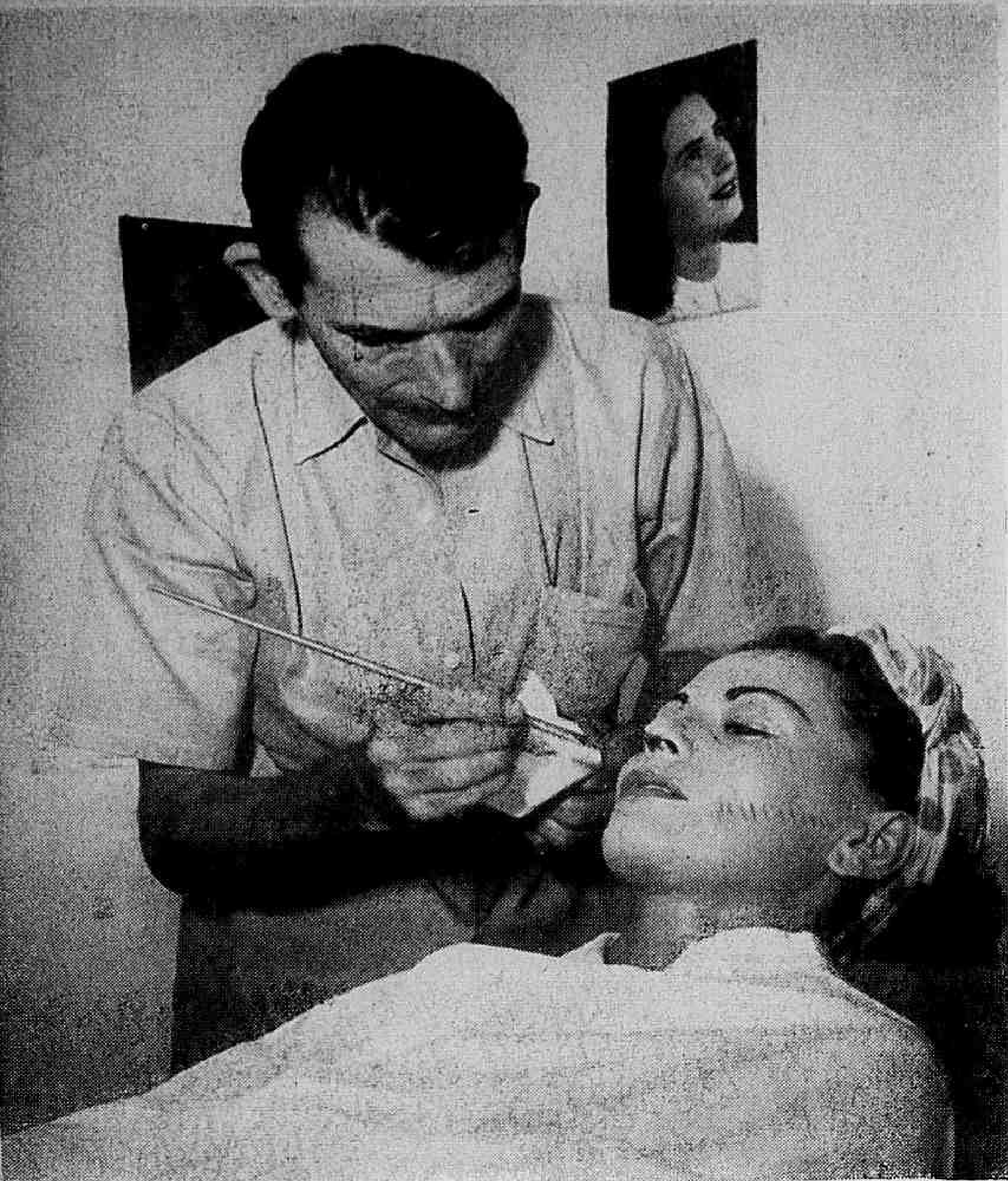


"O Cangaceiro" de Lima Barreto, entretanto, não pretende saldar nenhum compromisso com nossas fontes históricas e de tradição, passando mesmo ao largo da mais superficial penetração no âmago do fenômeno. Assim, resultou num filme com a inegável presença do Cangaço, através de uma ambientação e personificação tão convincentes quanto possíveis, mas uma presença que não se dá a entender e não se sabe bem à título de quê ali está. Já não poderíamos exigir que Lima Barreto levasse sua obra pelo caminho da erudição. Cabia-lhe, pelo menos, dizer de onde vinha e para onde ia o seu grupo de cangaceiros, à pretexto de que matavam, roubavam e saqueavam, que coisa, finalmente, êles queriam ou não queriam. E se lhe seria dificultoso explicar o fato à luz de causas remotas, que o tivesse feito à luz de causas próximas, do que Lima Barreto não quis absolutamente tomar conhecimento. O filme, ao contrário, está confinado a exibir um romance amoroso pobremente articulado, a mostrar cenas de ação e violência, a focalizar trechos esparsos de profundo sentido humano, tudo porém limitado ao fato em si, sem nenhuma situação quer no espaço quer no tempo, onde todos os fatôres puramente formais mereceram um tratamento cuidadoso e de muito realce, menos a história. Ora, nessas condições, o mal está mesmo na raiz e seria uma temeridade, como realmente foi, confiar tão sòmente na valorização de elementos, como planificação, corte, fotografia, som, música, movimento de camera, angulação e desempenho (com muitas reservas, é claro), a fim de que o filme pudesse se sustentar.

Pois foi isso que aconteceu com "O Cangaceiro" que teve pràticamente tudo para ser um grande filme, menos o essencial que seria uma história. E naturalmente que, no caso, só comportava uma história com fundamentos em fatos reais que se conhecem sobejamente, nunca um produto de mera imaginação. Como interpretação, o filme só tem mesmo duas figuras até certo ponto aceitáveis: Milton Ribeiro e o próprio Lima Barreto. Alberto Ruschel e Marisa Prado estão abaixo de qualquer apreciação. Marisa, particularmente, não é nem nunca será uma artista por uma razão simples: falta-lhe espírito artístico e o dom de representar que, apesar de tudo, ainda é um dom. A coisa mais lamentável, por exemplo, foi ouvirem-se diálogos que só mesmo Raquel de Queiroz poderia compor com tanta autenticidade e conhecimento da idiomática regional, tornarem-se vazios, inexpressivos, recitados sem alma, sem vida, sem nada na bôca de Marisa e de Ruschel. Vanja Orico, que quase não fala, está dez vêzes melhor que a Prado.

Realização informada pelas melhores diretrizes cinematográficas, "O Cangaceiro" não é, todavia, um filme que resista a uma análise séria. Isso porque não tem conteúdo, porque os motivos históricos ou de ficção foram falseados e também porque, a despeito de sua boa qualidade técnica, ainda está muito distanciado do que seria o filme comprometido com um tema de tanta envergadura como o Cangaço.





Dinah Mezzomo sendo maquilada para o seu primeiro teste no filme da Vera Cruz, que será dirigido por Ruggero Jacobi

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS DO CINEMA NACIONAL

O consagrado compositor patrício, Guerra Peixe, acaba de ser contratado pela Multifilmes S.A. A primeira partitura a ser feita pelo maestro, será o filme «O Papagaio», argumento de Procópio Ferreira.

★

«Amor entre Fronteiras» parece que será a estréia de José Carlos Burle na Multifilmes. Tema bastante arrojado, pois coloca em evidência mais uma vez o Paraguai. Desta feita um episódio da guerra, precisamente aquêle em que Lopez, perde sua vida, à margem do Rio Aquidabã, em Cerro-Corá.

★

Gino Talamo está entusiasmado com a montagem de «Destino em Apuros», o primeiro colorido brasileiro.

★

I. Rozemberg não pára, e por isso mesmo está rodando uma série intitulada «Vida Paraense». O nº 1 já está em exibição entre nós.

★

O deputado Líbero Luxardo voltará à cinematografia depois de vários anos de inteira dedicação ao trabalho político. Seu primeiro filme será sôbre a Amazônia, sua história, focalizando o homem do interior do Estado.

★

O diretor italiano, Dino Risi, encontra-se de passagem por São Paulo. Vem êle da escola de documentaristas italianos.

★

Mais um estranho caso em Petrópolis. O cinema Capitólio de propriedade do sr. Luís Severiano, sem aviso prévio aumentou os preços dos ingressos para Cr$ 8,00 sem a autorização da COFAP. O público local revoltou-se contra tal atitude.

★

Um fervoroso adepto do «Chauvinismo Cinematográfico», o sr. deputado Eurico Sales está consumando os últimos retoques no projeto apresentado a Câmara, e garante que ainda êste ano será feita a votação no plenário, do projeto que cria o Instituto Nacional do Cinema.

★

A Musa Filmes de São Paulo, está cheia de programações para ainda êste ano. Vamos aguardar mais novidades sôbre as suas atividades.

ATRÁS DAS CAMERAS

Por MR. TAKE

A notícia mais sensacional da semana, ouvida nos paredões do "Cinesíforo" da cinelândia foi a seguinte: José LEWGOY, depois de terminar as filmagens de "2 Recrutas" abandonará definitivamente o cinema brasileiro, para dedicar-se inteiramente aos palcos nacionais. E assim o nosso cinema vai perder o melhor aluno da Academia "José Ferrer".

★

Os produtores de "E' Fogo na Roupa" satisfeitos com o sucesso alcançado, estão se preparando para se lançarem novamente na produção. Estão à procura de uma boa história, boa é claro no sentido de bilheteria.

★

Desde Segunda-feira às 16 horas, que o ambiente do "Cinesíforo" está insuportável. Pois o assunto do dia, da tarde e da noite é... Você viu Cangaceiro? Que tal, qual a sua opinião? E assim viu-se: Jorge Ileli, Salviano Cavalcanti, Newton Couto, Paulo Brandão, Roberto Acácio, D. Anfrea, etc. Só faltou o Lima Barreto (Ah! se êle estivesse presente).

★

Luís de Barros, disse que "carro parado não pega frete", e por isso está amolado da vida, por não poder iniciar as filmagens da sua comédia. Mas, insistiu, vai sair ainda êste mês.

Os jornalistas especializados em cinema, estão vibrando com a chegada de Pier Angeli, ao Rio. Dizem até, que o Jonald vai pedi-la em casamento, caso o Kirk Douglas consinta.

(Cont. na pág. 34)



Lewgoy, segundo os boatos, vai abandonar o cinema

Senhora!

Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA

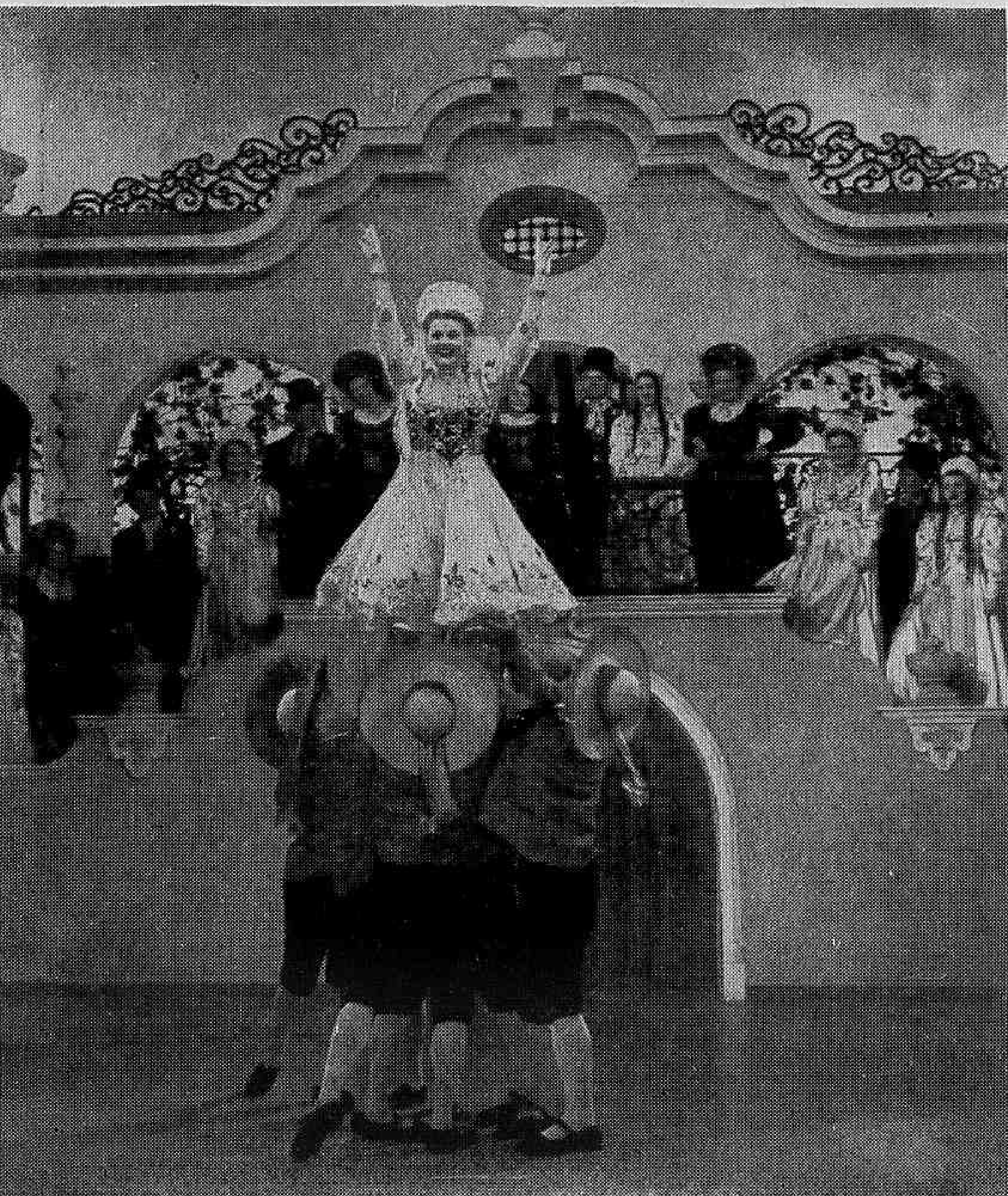
Metrolina

ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA



DE DOMADORA de LEÕES A ESTRÊLA MÁXIMA DAS REVISTAS VIENENSES

A história fabulosa de Marika Rokk, a artista que começou como "garçonette" de restaurante, para acabar sendo a herdeira e sucessora de Martha Eggerth ★ Danças acrobáticas e melodias sentimentais do velho Danúbio ★ Um filme realizado no novo e revolucionário processo de colorido, o "agfa-color", que é uma espécie de biografia da loura "estrêla" da Europa Central





Marika Rokk, a famosa estrêla dos musicais vienenses, não nasceu na Áustria. Sua cidade natal foi Budapest, capital da Hungria. Sua infância foi pobre, mas a vivacidade natural da criança levou-a a aprender a dançar e a cantar, sòzinha, sem os professôres que uma situação melhor poderia ter-lhe dado. Chegando à adolescência, Marika Rokk conseguiu um emprêgo de "garçonette" num restaurante de Viena, onde, além de servir às mesas, tinha de cantar e dançar, como é costume nos restaurantes de tôda a Europa Central. Sua fama cresceu e Marika passou a trabalhar em restaurantes mais luxuosos, até que um empresário a contratou para trabalhar num circo. Estreando como estrêla num "show" musical de circo, Marika atraiu a atenção de tôda Viena, principalmente devido à sua habilidade de executar danças acrobáticas.

OS ANIMAIS SELVAGENS SE CURVAM DIANTE DA BELEZA

A versatilidade de Marika Rokk não parou aí. Trabalhando num circo, aprendeu a lidar com tigres e leões e, além de suas atividades como dançarina e cantora, passou a se apresentar em arriscadíssimos números em que ferozes leões se curvavam ante a firmeza de sua voz. Os vienenses enchiam o circo para apreciar aquela jovem loura, de estranha beleza, que entrava nas jaulas dos animais selvagens, reduzindo-os à submissão. Era como se a sua vitória se devesse mais à sua beleza, uma beleza que os próprios animais pareciam reconhecer. Seu êxito levou-a a Berlim onde se tornou imediatamente a favorita do público.

SUCESSO EM BERLIM

Era na época em que a UFA realizava filmes de sucesso mundial. Levada para o cinema, Marika Rokk ampliou sua fama para o resto do mundo, tornan-

(Cont. na pág. 34)







George Cockran e Harold Gridley já estiveram de **tanga e de sinuca** nos mais variados recantos do globo terrestre...

Desta vez, a coisa aconteceu na Austrália. E como das vêzes anteriores, tiveram êles de sair de lá às carreiras, tanto mais que novamente se meteram em encrencas por causa de uma garôta...

Quando deixam Pôrto Darwin, famintos e sem dinheiro, empregam-se como mergulhadores a um tal de Príncipe Ken Arok, perigoso assassino que acaba de chegar da Ilha Vatu, em companhia de Gung e Bo Kassar, George e Harold nem de leve suspeitam que todo sos mergulhadores anteriormente contratados pelo Príncipe tiveram morte trágica e misteriosa.. E o bobalhão do Príncipe, por sua vez, também ignora que os dois mancebos nada entendem de escafandros, e que só aceitaram o emprêgo porque um pensa que o outro é que vai para o fundo d'água, ambos alimentando a secreta esperança de ficar apenas tomando conta da bomba de ar... A George e Harold o que interessa **no duro** é a possibilidade de encontrar na ilha um valioso tesouro e algumas meninas mais valiosas ainda...

Quando chegam em Vatu, a bordo da escuna de K en Arok, os dois sonhadores falidos quase desmaiam ao ver a ditadora da ilha, a ultra-belíssima Princesa Lalá Mc Tavish, filha de uma rainha malaia e de um aventureiro escocês.

George e Harold logo se tornam rivais, cada qual procurando fazer convergir sôbre suas apolíneas figuras as atenções de Lalá. E esta coitadinna, passa a gostar tanto dos dois que não tarda a se preocupar com a integridade física dos mesmos, pois o execrável primo Ken Arok é bem capaz de matá-los só para ver a côr do sangue dêles... Assustadinha, a moça aconselha George a que fuja o mais depressa possível, mas não entra em detalhes a respeito do caso. Aliás, talvez nem ela mesma saiba dos terríveis desígnios do Príncipe.

E' que há muitos anos atrás, o pai de Lalá partira rumo à Bali, onde esperava vender uma arca cheia de jóias. Mas o seu navio naufragara nas



proximidades de Vatu, morrendo todos os passageiros. No momento presente, Ken Arok está determinado a procurar as jóias, matando depois Lalá e assumindo o govêrno da ilha.

Lalá previne a George que um feroz gigante, Boga Ten, vive nos destroços do navio e mata a quem quer que dêle se aproxime. George, em vez de transmitir a Harold o terrível informe, ilude-o dizendo que Lalá está apaixonadíssima e que se casará tão depressa êle mergulhe e recupere as jóias... O "otário" poeta mete os peitos nágua e topa com Boga Ten, pouco depois de localizar o tesouro e conduzi-lo para a tona. E enquanto êle, lá embaixo, luta desesperadamente com o gigante, George e Lalá estão prestes a ser assassinados pelo Príncipe Ken Arok que traiçoeiramente se aproxima da escuna. Mas, sùbitamente, a roupa de escafandro que Harold vestia dá um salto sôbre as ondas, causando pânico em Gung e Bo Kassan que se atiram nágua...

Pouco depois aparece Harold munido de uma arma arrancada do gigante, e com ela derrota o miserável Príncipe. A situação fica insustentável, periclitante, preta mesmo!

Para evitar que Lalá morra, caso retorne à ilha, George e Harold resolvem levá-la para Bali. O pior é que a moça, nesta altura dos acontecimentos, está doidinha de amôres pelos dois rapazes, e não sabe a qual dêles deve escolher para marido...

Acontece que a viagem é interrompida pelo naufrágio da escuna... Lalá, George e Harold conseguem nadar até uma pequena ilha que hospeda um respeitável vulcão, e lá caem prisioneiros dos perigosos índios caçadores de cabeças...

(Cont. na pág. 34)

DE TANGA e de SARONG

(ROAD TO BALI)

PERSONAGENS:

George Cockran	BING CROSBY
Harold Gridley	BOB HOPE
Lalá	DOROTHY LAMOUR
Príncipe Ken Arok	MURVYN VYE

Em TECNICOLOR — Produção de HARRY TUGEND — Direção de HAL WALKER — Fotografia de GEORGE BARNES. Um filme da Paramount.



Cine Mundial

ESTADOS UNIDOS

Turhan Bey, que há anos estava afastado do cinema americano, voltará a Hollywood para fazer um papel no filme «Wings of the Hawk», com Julia Adams e Van Heflin.

★

Jean Peters fará sua estréia, como cantora, no filme «Vicki». Sabendo que as canções seriam «doubladas» pela voz de uma famosa «lady Crooner», Miss Peters insistiu para que ela própria cantasse, no que foi atendida pelos estúdios.

★

Já está definitivamente assentado que o galã de Lana Turner, em «Flame and the Flesh», será o ator argentino Carlos Thompson. Ao que se comenta em Hollywood, haverá muitas possibilidades de um romance «off-screen» entre Thompson e a loura estrêla da Metro...

★

Gloria Grahame, que acaba de ser galhardoada com o «Oscar» de 1952, como a melhor artista secundária do ano, por seu trabalho em «The Bad and the Beautiful», já está contratada para fazer, com Glenn Ford, «The Big Heat».

★

Anne Baxter e Ann Sothern, que apareceram juntas em «The Blue Gardenia», farão pròximamente «Two Wedding Rigs», filme que tratará dos problemas de jovens espôsas cujos maridos lutam na Coréia.



Betty Hutton, entusiasmada com a idéia de personificar a famosa estrêla Blosson Seeley, que a abraça no estúdio da Paramount, durante a filmagem de «Mais uma vez, perdão»



Bing Crosby e Jane Wyman num duo vocal, durante os ensaios de «Filhos Esquecidos», do estúdio das estrêlas

Susan Hayward acaba de ser aclamada a atriz americana mais querida pelo público espanhol. Em sinal de gratidão, Susan visitará a Espanha tão cedo terminem as filmagens de «White Witch Doctor».

★

Respondendo a uma carta insultosa que um fã lhe dirigiu, Zsa, Zsa Gabor, respondeu que um «homem, que está realmente ajustado com o sexo oposto, nunca expõe as suas fraquezas diante destas...»

MÉXICO

Jorge Mistral, o galã mais popular do cinema hispano-americano e que há pouco vimos em «O Direito de Nascer», iniciará brevemente a fase mais importante de sua carreira artística. E' que o jovem e apreciado ator acaba de fazer um longo contrato com um dos grandes estúdios hollywoodeanos para interpretar vários filmes, um dos quais será «Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse».

★

Sob a direção de Yves Allegret, será pròximamente iniciada a filmagem de «Typhus», com Michéle Morgan, baseado no «script» de Jean Paul Sartre. A película será rodada em co-produção com os estúdios mexicanos.

ITÁLIA

A produtora italiana Ponti-De Laurentiis anuncia que, ainda êste ano, realizará um filme inspirado no poema homérico «A Odisséia» e que será dirigido por G. W. Pabst. O desempenho será confiado a um numeroso «cast» de artistas italianos e estrangeiros, dentre os quais se encontrará Silvana Mangano.



A nova estrêla da Paramount Joan Taylor é fotografada pelo chefe índio Howard Bad Bear no set de «Trágica Emboscada», da Paramount



CORAÇÃO INGRATO

(CUORE INGRATO)

PERSONAGENS E INTÉRPRETES

Elena Franzoni, CARLA DEL POGGIO — Enrico de Marchi, FRANK LA TIMORE — Giorgio Suprina, GABRIELE FERZETTI — Anselmo, CARLETTO SPOSITO — Elvira de Marchi, TINA LATTANZI — Battistoni, Stefania Monti — Irmã Battistoni, Olga Solbelli — Sra. Lopez, Gianna Galletti — Ada, Rossana Rory — Suor, Elvira Betrone — Presidente da Côrte, Nerio Bernardi — Ministro Público, Armando Migliari — Advogado de Defesa, Filippo Soelzo — Empresário Teatral, Guglielmo Bernabó — Pai de Ada, Massimo Pianfiorini.





Direção de: GUIDO BRIGNONE. Uma apresentação da ART FILMS. Dados Técnicos: Argumento original de Steno e Monicelli — Cenarização de Ivo Pirilli, Gaspare Cataldo, Liana Ferri e G. Brignone — Assistente de Direção: Glauco Lattanzi — Operador de Camera: Silvano Ippoliti — Montagem de Yolanda Benvenuti — Técnico de Som: Mario Amari — Cenografia de Piero Filippone — Costumes de Mario Rappini — Efeitos de Romulo de Martino e Giuliano Laurenti — Música de A. Fraga — Fotografia de Mario Albertelli — Organização Geral de Giulio Manenti.

Eugenia Battistoni, uma célebre cantora lírica, retirou-se da cena porque os anos já estavam pesando sôbre sua cabeça e os médicos lhe diagnosticaram um mal cardíaco. Seu amor pela arte é demasiado e ela não pode suportar um afastamento total do meio artístico onde vivera tôda a sua existência. Eugenia então resolve dar lições de canto a um grupo de jovens. Em sua companhia, vive uma jovem, Elena Franzoni, órfã de pai e mãe, que Battistoni fizera vir de uma aldeia da província, acolhendo-a com uma pequena pensão. Com isto ela pretende permitir à jovem a satisfação do desejo de estudar canto e tratar junto ao govêrno sôbre a sua pensão, pois seu pai fôra médico do Estado e falecera em serviço. Elena pretende ainda obter a assistência médica para os seus repetidos ataques causados pelo coração.

Entre os mais assíduos freqüentadores da casa de Battistone está o jovem Giorgio Suprina, rapaz de personalidade marcante e viva expressão. Seu metier é acompanhar ao piano as alunas da dona da casa. E' porém, êste rapaz um tipo psicológico interessante; desfrutável e interessado em obter da vida todos os prazeres que ela possa dar. Suas principais preocupações, no momento, são: apossar-se de uma valiosa jóia que Battistoni possui, pre-



sente do Czar, e conquistar o coração de Elena, à qual já fêz propostas para que ela abandone a velha cantora para segui-lo propôs-lhe até arranjar-lhe lugar para representar em "cabarets". Elena porém, não tem por êle mais que um bom sentimento de amizade aliás, o mesmo sentimento que tem por um outro jovem, Anselmo, que sendo ferroviário deseja tornar-se barítono. Passado algum tempo Elena recebe a notícia de que a pensão solicitada ao govêrno lhe fôra negada.

Perdida a demanda contra o govêrno Elena se vê sem esperança e sem recursos para continuar vivendo com Battistoni, pois até suas economias não resistem. Resolve então voltar à sua cidade. No dia da sua partida Battistoni sofre mais um ataque cardíaco e sucumbe.

Na confusão provocada pela morte da velha cantora as suas famosas jóias desaparecem e a ingênua é prêsa e acusada como ladra.

Instaurado o devido processo, Elena não pode constituir advogado por falta de meios. Um advogado de ofício lhe é dado pela justiça. Este não é mais que Enrico Marchi, um estreiante na nobre profissão, pois nunca defendera outra causa. Enrico, no seu entusiasmo, luta para vencer o juiz em favor da jovem tão gravemente acusada. Sua defesa baseia-se na tese da insuficiência de prova. Mas apesar da sua brilhante atuação na defesa êle perde na primeira instância, mas consegue retumbante vitória na apelação.

Muitos curiosos assistiram ao processo e julgamento, inclusive a mãe de Ada, uma jovem que seus pais gostariam que chegasse a ser espôsa de Enrico. A mãe de Ada verificara que o empenho desesperado com que Enrico defendeu a ré não teria sido ditado sòmente pelo amor à profissão

(Cont. na pag. 5?)



HOLLYWOOD BOULEVARD

POR DULCE DAMASCENO BRITO

(Correspondente de A CENA em Hollywood)

O assunto do dia continua sendo a 25.ª entrega dos Prêmios Anuais da Academia. Nenhum dos "Oscares" de 1952 constituiu surprêsa alguma aos membros da colônia cinematográfica e jornalística. Já se sabia de antemão que os premiados seriam mesmo Shirley Booth por "Come Back, Little Sheba", Gary Cooper por "Matar ou Morrer", Gloria Grahame por "Cativos do Mal" e Anthony Quinn por "Viva Zapata!" Também o prêmio ao melhor filme do ano — concedido a "O Maior Espetáculo da Terra" — contava-se como certo não tanto pelo valor da película, mas como u'a homenagem ao esfôrço de Cecil B. De Mille durante todos êstes anos. Sôbre o que foi êste *show* dos 25 anos de existência da Academia e dos detalhes especiais da cerimônia televisionada, falaremos oportunamente em artigo especial.

Com a toga romana que usa em «Julio Cesar», Marlon Brando posa à frente do seu camarim na Metro. Êle interpreta no filme um perfeito Marco Antonio shakespeareano que deixou muita gente boquiaberta, pois julgavam-no com talento apenas para fazer brutamontes como os de «Uma Rua Chamada Pecado» e «Viva Zapata!»

★

Após 89 espetáculos na Broadway, a revista "Two's a Company" encerrou sua vitoriosa carreira nos palcos americanos, devido ao delicado estado de saúde da sua "estrêla" Bette Davis. A veterana trágica da tela que em "Two's a Company" brilhou como *vedette* e cantora, foi recolhida ao Hospital, a fim de submeter-se a uma intervenção cirúrgica para a remoção da osteomyelite que lhe acometeu o osso do queixo. Essa infecção foi a responsável pelas constantes enfermidades que acometeram Miss Davis durante as representações da peça.

★

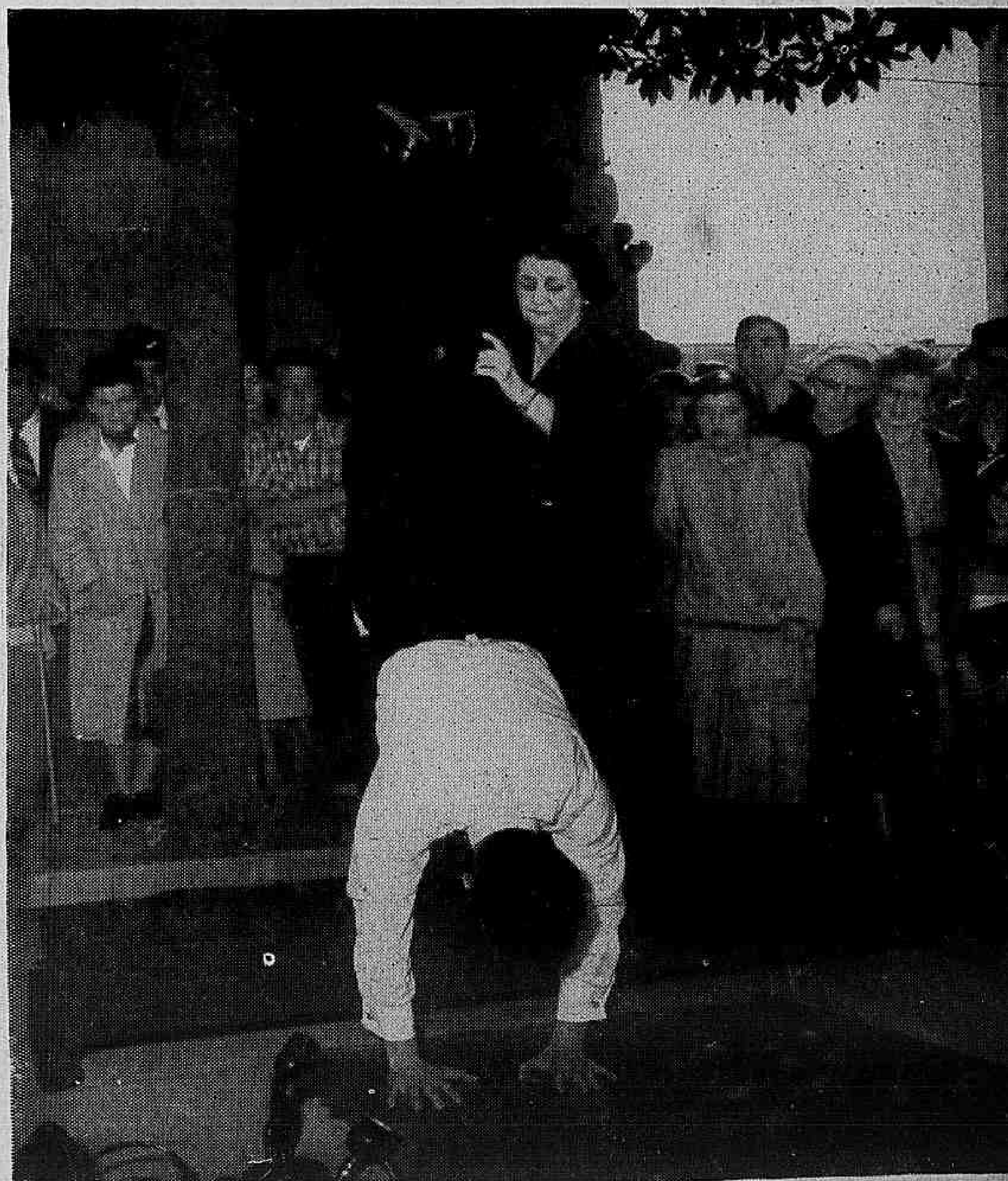
Após o nascimento da sua filhinha, Shellley Winters apresentou-se aos estúdios da Universal — onde continua sob contrato — mas o porteiro não a reconheceu e quase ia barrando a temperamental "estrêla". A razão? Shelley estava tão magra e usava um *tailleur* prêto tão *chic* que nem parecia a garota esportiva (e explosiva...) de outros tempos.

★

Elizabeth Taylor substituiu Vivien Leigh em "Elephant Walk" na Paramount. Com isso, o estúdio teve um prejuízo de 250.000 dólares, pois mais da metade da película já se achava filmada com Miss Leigh. A razão de tal substituição é a mais triste possível: duas semanas após desembarcar em Hollywood a fim de filmar as cenas interiores de "Elephant Walk" (iniciado no Ceilão), Vivien Leigh foi acometida de constantes ataques de nervos que a levaram a um exgotamento total de energias, deixando-a quase que fora de si. Seu marido, Sir Laurence Olivier veio de Londres e vendo a gravidade do seu estado, resolveu transportá-la para Londres, a fim de submetê-la a intensivo tratamento. Vivien, porém, tem verdadeiro pavor de viajar de avião e só pôde ser embarcada à custa de poderosos sedativos. A final a notável atriz seguiu para a Inglaterra de volta, enquanto que a Paramount contratava Elizabeth Taylor para continuar o filme com Dana Andrews e Peter Finch.



Como justo prêmio aos seus 25 anos de carreira artística (êle estreou no «vaudeville» quando contava apenas um ano de idade), o jovem bailarino e comediante Donald O'Connor grava seus pés e mãos no saguão do «Chinese Theatre». Sua mãe beija-o emocionada



A sra. O'Connor ajuda o filho a imprimir as mãos no cimento, o que êle faz com uma cambalhota. Donald insistiu para que sua mãe também gravasse os péus junto dos seus, pois considera-a responsável por sua carreira. Êle está obtendo um sucesso incrível em «Call Me Madam», da Fox ⋙→



AGULHA NO PALHEIRO

(Filme Brasileiro)

Uma realização da Flama Produtora Cinematográfica
Direção de Alex Viany — Argumento e roteiro de Alex Viany — Produzida por Moacir Fenelon — Produtor-executivo: Rubens Berardo — Diretor de fotografia: Mário Pagés — Partitura musical de Cláudio Santoro — Operador de câmara: Silvio Carneiro — Assistente do operador de câmara: Hélio Silva — Cenografia de Monteiro Filho — Assistente do cenógrafo: Boris Carlow — Sonografia de Luis Braga Júnior — Assistente do sonografista: Nelson Ribeiro — Coordenação (montagem) de Rafael J. Valverde — Assistente de montagem: Antão Pereira da Rocha — Penteados de estilo: Iolanda Bianchi — Caracterização de Oscar Juarez — Gerente de produção: Raimundo Hugino — Assistente de direção: Nelson Pereira dos Santos — Coordenador de produção Mário Del Rio — Costura e guarda-roupa de Julieta Lombardo e Amélia Paula — Eletricista: José Ramos — Escultor e pintor: Aires Baldissara — Fotógrafo: Carlos Neffa Olmedo — Carpintaria e construção dos cenários: Nathan Giraldes — Contra-regra: Manoel Rocha.

Elenco: — Mariana, Fada Santoro — Baiano, Jackson de Souza — Elisa, Dóris Monteiro — Dona Adalgisa, Sarah Nobre — Eduardo, Roberto Batalin — Juca, César Cruz — Madame Matilde, Zizinha Macedo — Madame Moreira Bastos, Renée Bell — Sr. Manoel, o mordomo, Manoel Rocha — Maria, a italiana, Helba Nogueira — Silvino, o linotipista, Israel Garcia — A empregada da mansão, Augusta Moreira — A enfermeira do hospital Savina Marques — Neném, Lucilla Reys — O garção da "Baiuca", Waldemiro Costa — O rapaz da praia, Jaudet Cury — e Hélio Souto, no papel de "José da Silva" e com a apresentação de Carmélia Alves e Trigêmeos Vocalistas — com os motorneiros e condutores da Cia. Ferro Carril do Jardim Botânico — Números de macumba pelo "Teatro Popular Brasileiro", sob direção de Solano Trindade.

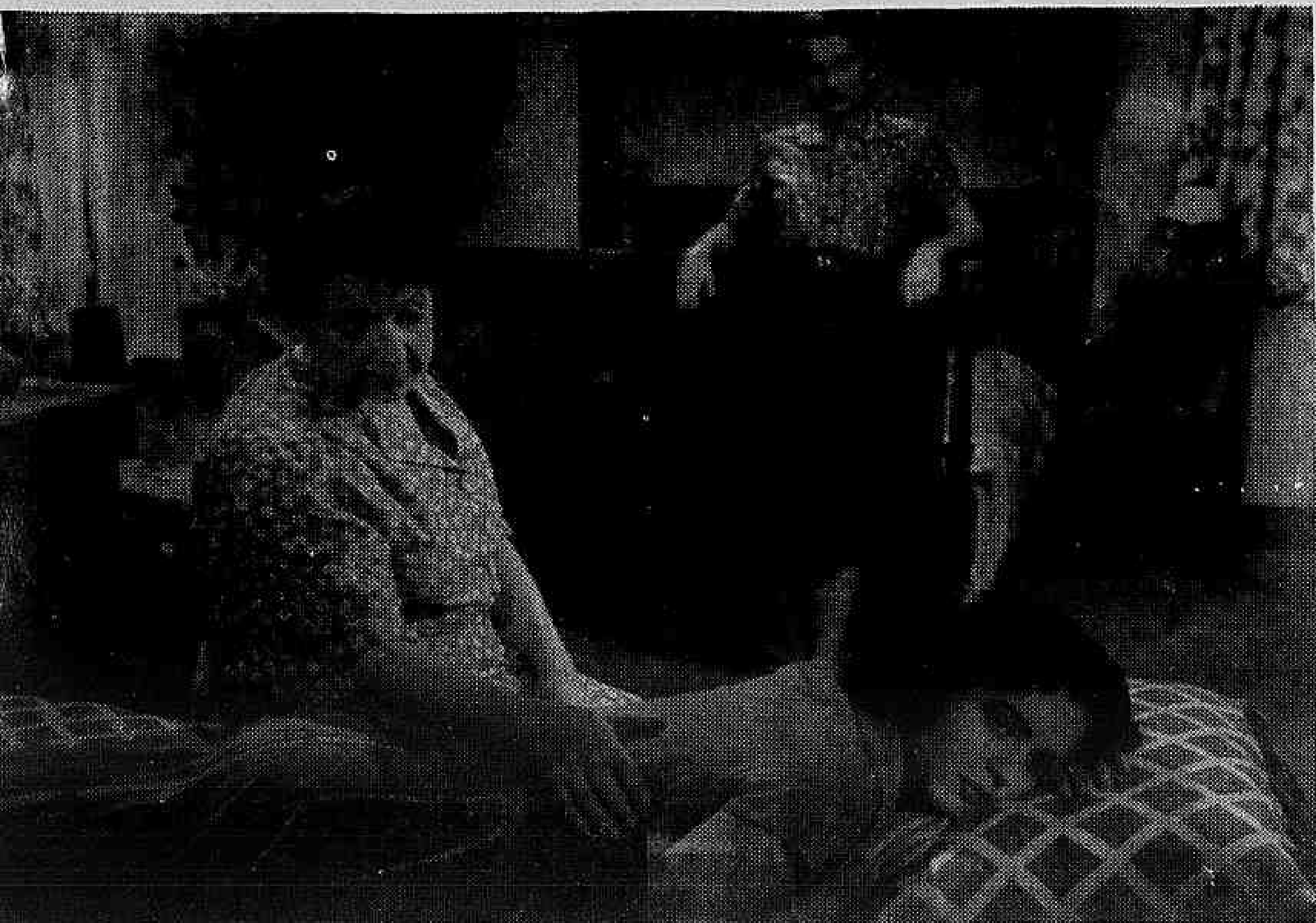


Mais um bafafá na sangrenta "Batalha do Rio de Janeiro", e o "Baiano" (Jackson de Souza) bem lá no meio, tendo de enfrentar um grandalhão que seria um "achado" em qualquer time de basquete. Xingamento de lá, xingamento de cá e nada de aparecer um guarda para ver que, com os devidos descontos, o lotação que o "Baiano" dirige é que tinha sido "fechado" pelo caminhão do grandalhão. A barulheira torna-se tão grande que tem-se a impressão de que todo o tráfego do Rio está ali reunido, no meio de muita gente a dar palpites. Aparece nesse meio tempo Eduardo (Roberto Batalin), com o seu radiozinho debaixo do braço. Está a paisana e ninguém diria que é motorneiro de bonde. Nenhuma pinta, mesmo, e segundo porque, apesar do salário miserável que ganha, sabe se defender com biscates de tôda a espécie, principalmente concertando rádios, e porque tem a irmã e a mãe do "Baiano" para lavar, passar e serzir sua roupa da missa. Ao chegar ao meio de tôda aquela confusão, Eduardo põe os pontos nos ii em dois segundos e vamos cada um para o seu lado para decepção dos torcedores de brigas... Eduardo lembra ao "Baiano" a chegada da prima Mariana (Fada Santoro), que vem do interior e se dirige à nossa casa. Combina-se, então, em vista do "Baiano" estar atrasado no serviço do lotação que Eduardo vá esperar na estação de ônibus da Praça Mauá. E êle pergunta: "Como é que eu vou reconhecer a pequena?" E o "Baiano" lhe dá um retrato antigo de Mariana, quando ela ainda era um brotinho. Viemos a saber, depois, que Eduardo ficou na estação rodoviária duas horas, visto ter o ônibus de Cataguazes quase emborcado na estrada. Finalmente chega o coletivo do interior, trazendo uma Mariana dois anos mais velha, já mulherzinha e apesar disso, Eduardo a reconhece. Apresenta-se e desde logo ficam os dois a se olharem perdidamente, até chegar em casa, quando Mariana explica-lhe que veiu para encontrar o noivo, José da Silva (Hélio Souto). Ao jantar, à noite, dona Adalgisa (Sarah Nobre), mãe do "Baiano", admira um retrato de Mariana ao lado do noivo. E' um retrato meio tremido, um pouco fora de foco, dêsses de máquina-caixão, e não se vê bem a cara do gajo. Mas é alto e tem bigode, e Mariana parece achar que isso é o suficiente. Elisa (Dóris Monteiro), irmã do "Baiano", fã de tudo quanto é novela de rádio, a essa altura entra na história julgando o tal "José da Silva" um homem muito original, possìvelmente um galã rico, talvez até de família nobre. E com isso Mariana vai ficando nervosa e fechando a cara para os falatórios de Elisa. A pequena, trêmula, de cara chorosa, de repente deixa apressadamente a sala de jantar, para espanto da família que fica sem saber o que pensar. Elisa toma a dianteira e vai falar com a pequena. Traz de volta a notícia de que o tal "José da Silva" é um grande patife, que namorou Mariana durante um mês lá no interior, e depois fugiu para o Rio e nunca mais apareceu. A pequena foi ficando desesperada com o sumiço do galã da cidade e resolveu vir ao Rio para procurá-lo. A família imagina, então, o trabalho que ia dar procurar-se um "José da Silva" nesse

Rio de Janeiro tão grande e tão cheio de "Josés da Silva". E' o mesmo que procurar uma agulha no palheiro! A coleção de Silvas e Josés na lista telefônica apanhada na farmácia tem leitura para muito tempo. Há portanto, um conselho de família, para ver o que se pode fazer. A velha dona Adalgisa diz logo que é bobagem mandar a Mariana de volta. Está órfã de pai e mãe, e a família do pai, com quem vivia até vir para o Rio, é dessas que tratam os parentes pobres como se fôssem penetras. Aliás, dona Adalgisa já havia pedido à sua sobrinha Mariana que viesse morar em sua casa na Rua Pedro Américo, no Rio. Nesse vai-e-vem trata-se de procurar o "José da Silva" pela lista telefônica, e para isto está reunido todo o esfôrço da família do "Baiano" e dêste próprio que maldiz grandemente a chata da sua irmã Elisa que o transforma em leitor oficial da lista dos telefones... Anda-se nesse pé quando Elisa descobre que pode ser cantora de rádio e começa a azucrinar o ouvido de todo o mundo, com o Juca (César Cruz), vizinho nosso e pianista de rádio e de boites, onde ganha para viver como pobre igual à própria Elisa. O romance entre Mariana e Eduardo começa a crescer assustadoramente, em meio à procura desesperada pelo José da Silva, quando Elisa tem a idéia de publicar num jornal o retrato do noivo da sua prima. E para isto contou com a colaboração de Juca, que a levou à redação de um jornal meio pasquim onde trabalha o seu amigo Silvino (Israel Garcia), linotipista que promete mandar a notícia para ser publicada no outro dia com os dizeres: "Onde está José da Silva?". E a prima Mariana em vez de ficar contente com a possibilidade de encontrar o seu galã, sai chorando, levando atrás Elisa, que depois faz à família uma confissão de estarrecer: Mariana está grávida do tal José da Silva. A ausência de dona Adalgisa deixa Elisa mais a vontade para saber como vai contar essa história, agora principalmente muito complicada com o romance vivo nascido entre Mariana e Eduardo. A razão mais completa para Eduardo ficar como pai do filho de Mariana é exemplificada com a visita que êle faz à casa de Mário e Maria (Helba Nogueira), um casal amigo da família. Maria foi seduzida por um oficial americano na Itália, sua terra natal. Ali encontrou Mário, que penalisado com a sua situação, em vista do desaparecimento do americano, resolve trazê-la para o Brasil. Aqui vivem muito felizes, com o filhinho de Maria. Mariana olha, embevecida, para Maria e para os garotos que brincam com o seu filho. Olha também para Eduardo. Os dois se despedem, e vão saindo de mãos dadas. A confusão que Elisa estabelece para contar à sua mãe a gravidez de Mariana, faz com que a velha pense é que sua filha está grávida. A intervenção de "Baiano" no assunto, esclarece tudo. Enquanto se resolve amparar o estado da pobre Mariana, Eduardo vai com Juca ver o tal linotipista, e lá souberam que ninguém tinha respondido à pergunta do jornal. Elisa, então, alvitra um palpite: porque não procurar Madame Matilde, a cartomante (Zizinha Macedo)? Elisa acredita que Madame Matilde é um colosso nessa história de "descobrir"! Vai daí, a Mariana convence Eduardo a ir com ela à casa de Madame Matilde. Mas acontece que a tal Madame Matilde só "descobre" aquilo que o freguês não quer saber... E o casal sai de lá sem saber se deve estar contente ou triste. A coisa vai indo assim quando, um dia, o tal Silvino linotipista, amigo do Juca pianista, telefona para dizer que chegou uma carta a respeito de José da Silva. Tôda a família fica sem saber o que fazer, visto Mariana, embevecida pelo Eduardo, quase já ter se esquecido seu sedutor lá do interior. Seja como fôr, Eduardo vai ao jornal buscar a carta, e de lá, êle e Mariana, na busca incessante, vão ter ao endereço informado pela carta. Eduardo quase desiste de entrar na casa, que é um palacete de fita de cinema perdido lá nas Laranjeiras. Ainda por cima, Mariana está tão nervosa que mal se agüenta de pé. A recepção dada pelo mordomo do palacete (Manoel Rocha) é fria qual neblina inglêsa. Diz que ali não mora nenhum sr. José Augusto da Silva Moreira Bastos não, e vai fechando a porta quando Eduardo pede para falar com alguém da família. E quem os vem receber é Madame Moreira Bastos (Renée Bell). Enquanto não chega a Madame daquele grande palacete que daria para solucionar o problema de falta de habitação no Rio de Janeiro, Eduardo e Mariana ficam espreitando tudo. A entrevista vem a se tornar muito curta entre o casal e a respeitável senhora. Diz ela que o seu filho não mora mais ali, e quanto a sua viagem ao interior de Minas, Madame Moreira insiste em afirmar que seu filho é muito viajado e que tudo é possível. E nem a carta nem a fotografia obtêm afirmativa. Madame Moreira Bastos desconhece tudo aquilo e julga ser obra de algum inimigo da família. Ao se despedir do casal volta ao jôgo de "pif-paf" com amigas, a quem segreda: "Êsse meu filho tem cada uma!" E conta para uma das senhoras presentes a sua última aventura em Cataguazes, Minas Gerais...

É a criadinha do palacete (Augusta Moreira) que vem solver a situação de Mariana. Conta que o safado do José da Silva é mesmo filho da Madame e é o tal que não sai da boite Baiuca, onde anda de namoricos com uma tal de Neném (Lucilla Reys). Mas como ir à Baiuca? Onde já se viu motorneiro de bonde freqüentar boite? Portanto, mais um conselho de família para resolver essa parada, de resto solucionada a contento. O Juca, que era o pianista que eventualmente substituía o pianista efetivo da Baiuca, diz que tudo se arranjará melhor com a cantora de lá, a sua amiga Carmélia Alves (Carmélia Alves). Dez e meia da noite e o "Baiano", dentro do carro de praça com o qual substitui o lotação, deixa Mariana e Eduardo, parecidos com um casalzinho de cinema, dentro da boite. Lá dentro o casal observa que a Baiuca faz mesmo jus ao nome: é uma imitação metida a besta dos butecos populares, e as garções vestem camisa de maladro. Carmélia Alves entra em cena, disposta a ajudar Mariana e Eduardo. Tudo infrutiferamente, pois José da Silva não apareceu a não ser sete meses depois, quando Juca vem avisar que êle iria à noite à boite, se encontrar com Neném. O estado de Mariana, porém, não lhe permite sair. E quem a substitui com Eduardo na ida à Baiuca, desta vez, é Elisa, que já cantou no rádio e se sente com melhores poderes para cantar em qualquer lugar, principalmente na Baiuca onde seu amigo Juca é persona grata... E lá se vão êles. Elisa é que fica danadamente contente quando Carmélia Alves anuncia, enquanto se espera a chegada de José da Silva, que ela vai cantar um número ali na boite. E enquanto ela canta, um garção (Waldemiro Costa) vem participar a chegada do tal José da Silva, a mando de Carmélia Alves. A discussão se degenera acaloradamente e não vai além porque naquela mesma hora recebeu um telefonema dizendo que Mariana está no hospital, prestes a ter um filho. No hospital, a espera é dolorosa. A velha dona Adalgisa sentada com Elisa num banco, enquanto o tal José da Silva, espreitado pelo "Baiano", fuma calmamente um cigarro. A operacão de Mariana não seria perigosa se não fôsse ter uma criança aos sete meses. Mas o "Baiano" acha que isso não é nenhum mal. E vai se esperando, quando mais tarde, bem tarde, aparece uma enfermeira (Savina Marques) com uma criança nos braços. Afirma que tudo está correndo bem e que a criança tem que ir para a estufa, em virtude de ter nascido antes do tempo. Logo depois há tempo para cada um da família resolver a parada com o tal José da Silva, que obstinadamente afirma nada ter que ver com essa Mariana. E é a própria Mariana que vem corroborar a afirmativa do rapaz: ao passar a pequena na maca, pelo corredor, ela olha de Eduardo para José da Silva e dêste para Eduardo, pedindo a êste último para que entre no quarto. José da Silva, cabisbaixo, passa pela família e se retira do hospital. Dentro do quarto, Mariana e Eduardo se entreolham, como só então estivessem se descobrindo. E não é verdade que os dois encontraram uma agulha no palheiro? Há quem vá achar que a vida dêles não será um mar de rosas. Mas há os que acreditam que Eduardo não trocaria a sua vida pela vidinha vazia do ilustre dr. José Augusto da Silva Moreira Bastos Filho.









«Descoberto» pelo diretor Raoul Walsh, entrou para o cinema em 1949, mas só atingiu o «estrelato» em 1952. Hoje, é o mais promissor «talento jovem» da Universal-International

HISTÓRIA EM

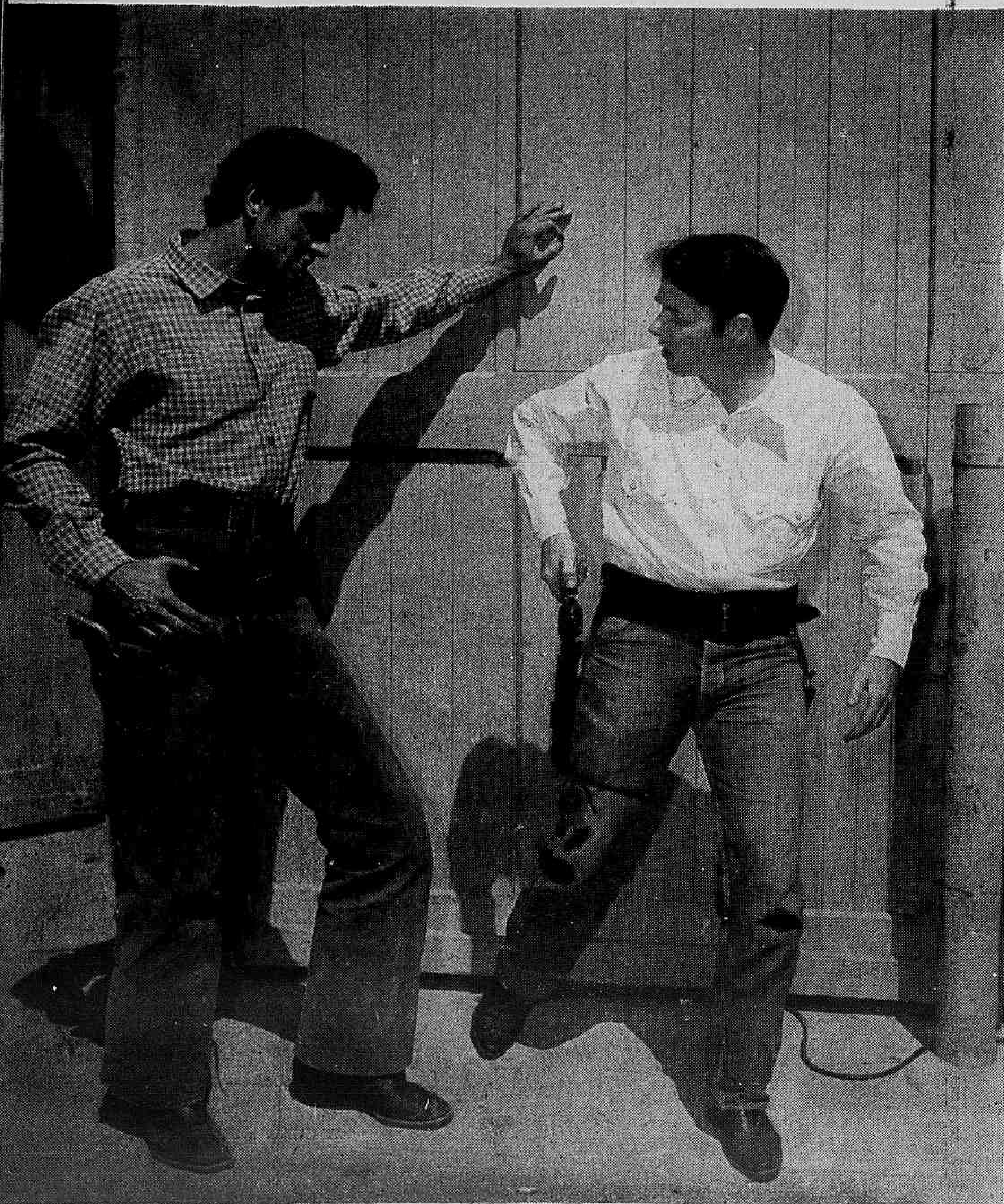
NOVO

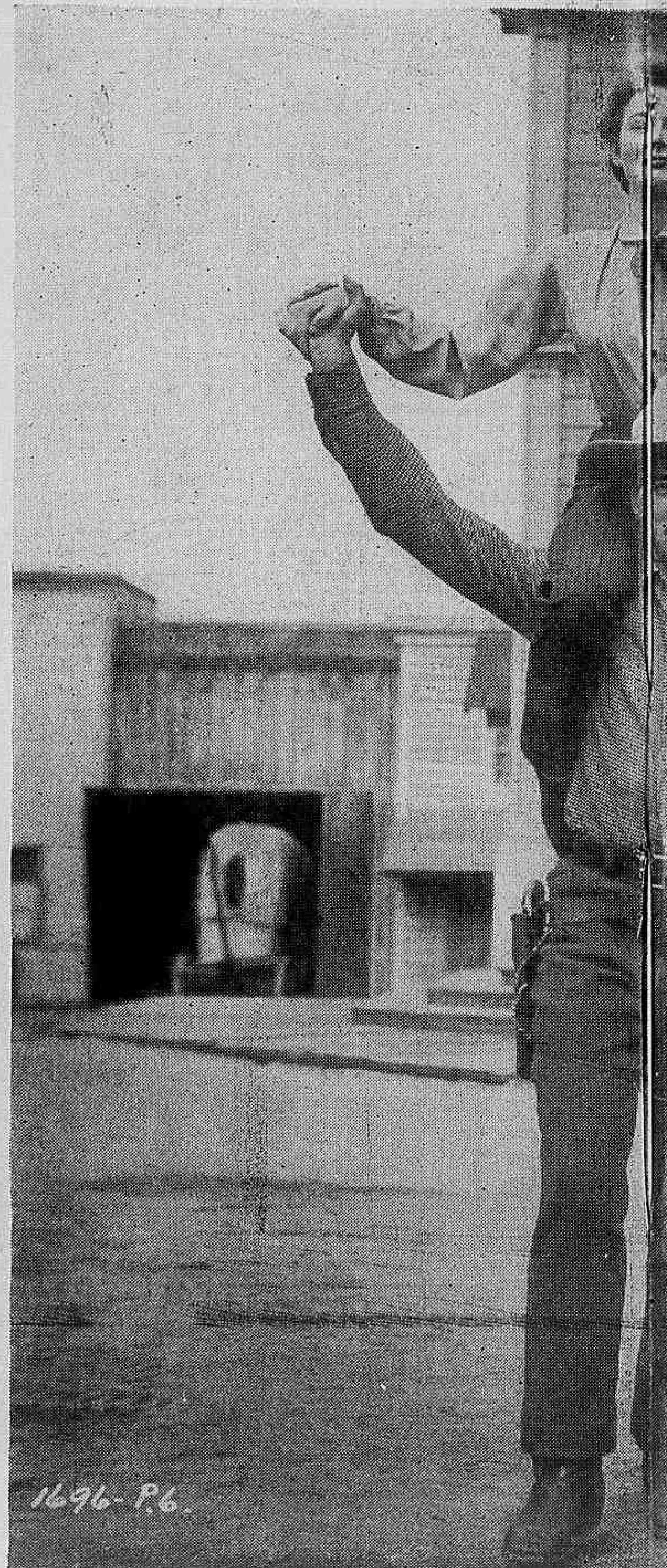
e

HOLLY

Em baixo, à esquerda: Audie Murphy — herói de guerra e um dos melhores atiradores da cidade — mostra ao novo «astro» segredos no manejo do revólver, pois Rock está fazendo um «western» pela primeira vez

Provando que é mes
o jovem «astro» ca
pescoço a atriz Jud
quem filma «Hor





QUADRINHOS

DOLO

WOOD

esmo «de circo», carrega em seu dith Braun, com orizons West»

Finalmente, a parte mais importante na sua eleva ão a «astro»: o prestígio entre as garôtas! Ei-lo, sendo beijado por Julia Adams e Mary Castle, suas companheiras em «The Lawless Breed». Rock é solteiro, tem 26 anos de idade e, no ano passado, rompeu seu longo noivado com a bailarina Vera-Ellen. Alguma candidato?

Em baixo, à direita: seu descobridor Raoul Walsh, teve oportunidade de dirigi-lo em «The Lawles Breed», no qual Rock usa bigode para parecer mais velho









Lana Turner e Ava Gardner mostram que são amigas

Cine-Crítica do LEITOR

O CINEMA DE WATSON MACEDO

JOSÉ SILVEIRA

Será que o Serviço de Censura está funcionando? Se está, por que deixa "E' Fogo na Roupa" ser exibido para o público? Por que não o impugna, sendo um filme pornográfico, uma exaltação à pederastia e ao adultério?

Watson Macedo, depois de atrair a atenção do público com o "tragável" carnavalesco "Carnaval no Fogo" e o equilibrado "Sombra da Outra", enveredou para a "escola" do Luís de Barros (na intimidade Lulú"), que visa o dinheiro, o lucro fácil e a degeneração total do nosso principiante cinema. Exemplo típico é "E' Fogo na Roupa".

O filme é um amontoado de besteiras, de piadas indecentes, de situações comuns, e, o que é mais interessante, o tal de Ankito querendo imitar o consagrado cômico Oscarito. Alguém, querendo justificar os gestos de Ankito, gestos êsses, tipicamente "oscaritianos", disse-me que aquilo era fruto da direção de Watson Macedo, que era estilo do diretor. Ora, em primeiro lugar, antes de Watson Macedo já existia Oscarito; em segundo lugar, o diretor de "Sombra da Outra" não tem a suficiente classe para imprimir num intérprete personalidade alguma. O que realmente houve foi uma vergonhosa tentativa de plágio, isto sim.

Se tentássemos fazer uma antologia das grandes asneiras do nosso cinema, além dos filmes de Luís de Barros (o popular Lulú) "E' Fogo na Roupa" entraria inteiro, tôdas as cenas são horríveis e, portanto, dignas de figurar ao lado das "grandes" produções assinadas pelo Lulú.

O filme mantém uma unidade espetacular, é péssimo desde a lista de agradecimentos (mania dos produtores medíocres) até o almejado FIM. Ridículo é o início, quando aparece o indigesto Jorge Goulart berrando "Pepita de Guadalajara", num número coreográfico sem o mínimo gôsto.

A história (???), da autoria de Watson Macedo, é interrompida na narração pela presença de barquinhos que constantemente aparecem em frente ao Quitandinha.

Mas, e o Bené Nunes? Quem disse que é projeto de ator? Estou de acôrdo que êle trabalhe no cinema como porteiro ou bilheteiro, mas como intérprete, nunca.

Por que o Brasil não segue o exemplo da Itália, deportando os pseudo-cineastas? Talvez o Watson Macedo, na Coréia, fizesse "misérias"...

o fã pergunta: "A CENA" responde

Jacyra Garcia (São Paulo) "...é verdade que Iracema Dilian é brasileira?"

R. — Iracema Dilian nasceu no Rio de Janeiro, filha de diplomatas poloneses, porém, não adota a nacionalidade brasileira.

Dorival Pereira (Rio) "Sendo o Sr. meu cronista cinematográfico favorito..."

R. — Oportunamente, o cronista a quem você se dirigiu escreverá o artigo que pede e, por meio desta seção, êle agradece as boas referências que você fêz de sua pessoa.

José Ferreira Santa Rita (Belford Roxo, E. do Rio) "...quero saber quais são todos os artistas do filme "No Território dos Homens Maus?"

R. — "Badmen.s Territory" (No Território dos Homens Maus), 1947, com Randolph Scott, Ann Richards, George Hayes, Ray Collins, Virginia Sale, James Warren, Andrew Tombes, Richard Hale e Morgan Connway.

Dalva Cruz (Rio) "... qual o nome daquela bailarina espanhola que trabalha no filme "Cavaleiro da Aventura?"

R. — Lola Flores, que estêve recentemente no Rio atuando em uma de nossas "boites".

José Carlos Soares (Salvador) "...poderia esclarecer se Lana Turner e Ava Gardner são realmente inimigas?"

R. — Isso é pura invencionice, sem nenhum fundamento. Aliás, nunca foi do conhecimento público essa suposta inimizade, Sr. Soares! Até que elas se dão muito bem, por sinal.

Jorge Santos (Belo Horizonte) "...ouvi falar que será exibido no Rio brevemente um filme em terceira dimensão. Qual será?"

R. — Parece que veremos muito breve filmes tridimensionais em telas cariocas. A United Artists tem o filme "Bwana Devil" para pronta exibição e a Fox terá em outubro "The Robe", ambos naturalmente sujeitos a modificações de ordem técnica em nossas salas de exibição.

Telma Bonfim (Rio) "...quais os dados biográficos de Peter Lawford?"

R. — Nasceu em Londres, no ano de 1923, filho de Sir Sidney

(Cont. na pág. 34)



A bailarina espanhola Lola Flores, que trabalhou em «Cavaleiro da Aventura»



«Trazer o diplomata para aqui?! Para falar com quem? Com a senhora ou com o maluco do meu irmão? (Samaritana Santos e Alda Garrido)



«Como é que não funciona êste aparelho, tem que funcionar», (Alda Garrido, Vicente Marchelli, Glauce Rocha e Milton Moraes, em «Dona Xepa»

"DONA XEPA" de Pedro Bloch será filmada

RTÊS COMPANHIAS DISPUTAM A HISTÓRIA — A MAIOR CRIAÇÃO DE ALDA GARRIDO — "ÊSTE E' O FILME QUE EU GOSTARIA DE VIVER, DECLARA ALDA GARRIDO — PEDRO BLOCH FALA A "CENA MUDA"

Reportagem de O. GALENO



«Toma. Leva o «Jornal do Brasil». E' essa agonia o dia inteiro. Se não é o telefone é o jornal!» (Alda, Argentina Della Torre, Samaritana, Átila Iorio e Luci Costa

A notícia havia chegado até nós. Três companhias cinematográficas ofereceram propostas vantajosas para a filmagem de "Dona Xepa", a comédia de Pedro Bloch, que vem constituindo a maior criação artística de Alda Garrido que a vem representando com um elenco sob a direção de Mário Brasini e com cenários de Darcy Evangelista.

Ao lado de Alda Garrido, medalha de ouro de melhor atriz de 1952 estão Samaritana Santos, Milton Moraes, Glauce Rocha, Vicente Marchelli, Atila Iorio, Lucy Costa, Ilidio Costa, Argentina della Torre e Geraldo Gamboa.

A HISTÓRIA

A história de "Dona Xepa", peça aplaudida pela crítica e pelo público, focaliza uma mãe que tem uma barraca na feira e que tem dois filhos aos quais tributa a maior das dedicações, depois de ter sido abandonada pelo marido, um lunático que vivia inventando coisas inúteis como uma mesa de tampo duplo, um relógio sem ponteiros, um alarme ultra incômodo e assim por diante. O filho Edison estudou muito e agora está aperfeiçoando um invento que tôda a Vila onde moram ridiculariza. Todos estão certos de que êle vai pelo mesmo caminho do pai. A irmã chega a ser sarcástica na forma de encarar aquêle "trabalho" do irmão. Só "Dona Xepa" acredita ou finge acreditar naquilo até que um dia se percebe que o invento de Edison deve ser algo de muito sério e importante pois até te-



Que é isso, Ângelo? Você quer me explicar o que diz êste jornal? (Milton Moraes, Vicente Marchelli, Alda e Samaritana)

lefonemas do estrangeiro êle vem recebendo.

O vizinho Ângelo, dono de uma pizzaria e pai de Zininho, um jogador de futebol, é o grande amigo de Xepa, mas lamenta-se pelo filho que tem e lamenta-a, também, pelo que seu filho anda fazendo com aquelas invenções aloucadas. Quando Ângelo percebe que o que Edison inventa é algo de importante sofre uma estranha modificação embora continui duvidando.

Edison vai ser homenageado e tôda a vila se prepara para ir, a convite de Xepa que não sabe que nem ela própria poderá ir à homenagem do filho. Seguem-se cenas de grande emoção e imensas gargalhadas. No terceiro ato há grande transformação na Xepa que agora é grã-finíssima e mora numa casa de grande luxo. Está até aprendendo francês e sua filha ameaça noivar com um diplomata. Entre mil gafes e as mais divertidas situações surge o italiano Ângelo com um jornal. Nesse jornal "Dona Xepa" percebe a finalidade daquele invento: — o invento de seu filho vai ser usado para destruir, para matar. Temos então, depois de centenas de gargalhadas, a grande cena dramática de "Dona Xepa", que se recusa a continuar com seus filhos, que se matou até ali para poder criá-los e adaptar-se ao novo ambiente, enfrentando todos os ridiculos do mundo, mas que não admite que se destrua sêres humanos com invento que a faria corar de vergonha diante de tôdas as outras mães, diante de tôda a gente.

E "Dona Xepa" volta à vila, mas não volta só, porque o próprio Edison diz nos últimos instantes:

— Mamãe. Confesso que há dois meses ando com um tremendo conflito de consciência. Quem sabe se não foi por isso que papai abandonou os seus inventos mais sérios dedicando-se a êsses inventos loucos para não acabar no beco sem saída em que vim parar? Hoje passei pela nossa vila e ouvi um menino dizer o seu nome. Êle disse "Dona Xepa". Mamãe... Aquilo me soou como música de igreja. Êle disse "Dona Xepa" como se "Xepa" fôsse nome de santa. Foi da bôca daquele menino que aprendi quem é a minha mãe.

A versão cinematográfica de "Dona Xepa", de Pedro Bloch, alcançará com tôda a certeza o mesmo grande sucesso que vem obtendo no palco.



Pedro Bloch, o autor de «Dona Xepa»

FALA PEDRO BLOCH

A uma pergunta do repórter responde Pedro Bloch:

— Não tenho pressa em fechar negócio para a filmagem de "Dona Xepa". Por dois motivos: em primeiro lugar porque a peça ainda está em cartaz e nenhum elemento do elenco de Alda Garrido aguentaria filmar durante as suas representações, tal a intensidade de trabalho de todos na comédia. Em segundo lugar porque eu só desejo fazer o filme tendo Alda no papel principal. Para que isto se possa realizar as companhias precisam esperar alguns meses, até o fim da temporada.



A volta para a vila. (Milton e Alda)



«Não meu filho, para matar não!» (Milton, Alda, Marchelli e Samaritana)

ÂNGELA MARIA UMA PRINCESA CAMPISTA RUMO ÀS PLAGAS de TIO SAM

Moldura para romances... ★ Mayrink Veiga e Nacional, as maiores do mundo ★ Ganhará uma rua em Campos ★ Um papo inesquecível ★ A "Melhor de 53", dizem os seus fãs ★ Algo sôbre uma princesa buliçosa

Reportagem de O. CORRÊA
Fotos de ALBERTO FERREIRA LIMA

Contaremos a história de uma princesa. Em tempo: não é, pròpriamente, a história, pôsto que muitos já a contaram em quase todos os seus detalhes. Mesmo porque, a princesa de quem falaremos nesse espaço tem o seu principado num dos reinos mais buliçosos do mundo: o reino do rádio.

Ângela Maria é a princesa radiofônica preferida por todos. Da meninona Ângela, diremos alguma coisa que muito agradará aos seus milhares de aficionados.



Ângela devora tôdas as publicações que falem da vida artística da terra. Dessa maneira, a CENA é leitura obrigatória do rouxinol da PRA-9



Qual o cantor que não gosta de, num cochilo da programação da emissora, ouvir uma de suas próprias gravações? Ângela gosta. Tem tôda razão.

Às quartas-feiras, tendo como mestre de cerimônias o bonachão e talentoso Armando Louzada, a princesa canta para um auditório repleto e para os ouvintes de todo o Brasil, que esperam ansiosos os melodiosos acordes do "Nem eu", que Caymmi parece dedicou àquêle sapoti mairinquiano. Seus trinados de rouxinol, em pleno vigor da mocidade, enchem de enlevo os corações apaixonados, que vêem nela a intérprete calhada para emoldurar fortes romances, às vêzes em vias de rompimento. Todos bebem a voz da queimadinha Ângela Maria e cada vez mais apreciam-na, chegando mesmo a elevá-la ao invejável pôsto de princesa do rádio.

★

Após uma de suas apresentações de sucesso, Ângela bateu um delicioso papo com o repórter. Contou-nos coisas maravilhosas. Disse da boa amizade que os colegas da Mairink lhe dispensam, pondo-a completamente à vontade para extravasar seus dotes invejáveis de intérprete consagrada pelos discófilos brasileiros. Falou-nos da emoção que tem sentido quando se apresenta nas audições do "Programa César de Alencar". Do entusiasmo dos aplausos, dos cumprimentos que recebe dos contratados da Nacional, e do carinho com que é tratada por seus fãs, que não perdem uma só de suas audições.

★

Campos, a progressista cidade fluminense, tem orgulho de ter uma de suas filhas brilhando no firmamento artístico nacional. Nem todos pensavam que a menina Abeim, sempre levada, porém dedicada aos pais, viesse a ser uma das mais categorizadas cantoras do "broadcasting" verde e amarelo. Não estranharemos se, um dia dêsses, a Câmara Municipal de Campos aprovar um projeto, dando à uma das ruas campistas o nome da popular contratada da PRA-9. Uma prova incontestável do seu valor intrínseco é estar atuando em duas das maiores emissoras do Continente, a E-8 e a A-9.



Adelino Moreira, um dos mais capazes compositores brasileiros, passou u'a melodia para Ângela e ela, esperta como sabe ser, modulou-a, logo-logo, à sua maneira ➳





A princesa descansa em seus aposentos, fazendo pose para a camera do «flashman» da CENA. Ângela é bem simpática, não acham?

Com uma alegria desmedida, nos falou da sua próxima viagem aos Estados Unidos, onde espera agradar tanto quanto todos os seus contemporâneos que estiveram fazendo brilhantes "tournées" nos pagos de Tio Sam. Para o evento, preparará uma bagagem de seus mais fortes sucessos e, também, levará uma série de novas melodias que, tem certeza, agradarão em cheio aos rubros presididos por Ike. Ângela espera contar com todo o apoio da crônica especializada que, não resta dúvida, também trabalhará muito pelo seu êxito, fazendo a di-

vulgação, em nosso país, de suas atividades em terras da América.

★

Agora externaremos uma opinião, justa achamo-la. Ângela merecia o título de "melhor cantora de 52". Não podemos negar que ela tenha sido uma das grandes revelações do ano recém-findo. Durante todo o ano de 52, a maior atração dos amantes da música popular brasileira foi bandeada para a perfeita interpretação que Ângela Maria dava às melodias que lhe eram entregues. Sempre segura, sua primeira cêra não foi uma decepção como sói acontecer com muitos dos que hoje a igualam em brilho e valor. Despontou formidàvelmente, pintando, já, a grande cantora que todo o Brasil aplaude e reclama. Não desmerecemos o valor de Emilinha Borba, mas não poderemos, também, chegar à inverdade de não dizer que Ângela é mais intérprete do que a criadora de "Dez anos". Possui mais segurança, muito mais modulação de voz, e, mais ainda, é jovem e poderá cada vez mais educar sua voz. Temos certeza que muitos nos atacarão por têrmos feito tal comparação, mas não podemos, em hipótese alguma, fugir à realidade dos fatos. Aliás, — certíssimo é o nosso prognóstico — muita gente ficará ao nosso lado, pôsto que é urgente a renovação de valores, que pouco a pouco vai se infiltrando em nossas emissoras, renovando todos os seus quadros; em alto relêvo o campo musical, que tem sido enriquecido com grandes e valorosos elementos. Repetimos: Angela devia ser a vencedora do concurso promovido pela revista do sr. Anselmo Domingos. Não negamos, repetimos, méritos à tricampeã Emilinha, mas não estamos de acôrdo com a votação que o povo despejou em cima do nome da mana de Nena Robledo. Mas, esperemos o ano próximo e é certo que o povo saberá realmente eleger aquela que mereça o título de "Melhor de 53".

★

Às 22 horas de uma noite meio calorenta, chegávamos ao fim do mais delicioso papo do mundo. Não contamos a história, como prometéramos, mas dissemos alguma coisa da queimadinha "Princesa do Rádio" de 53. E que princesa, leitores, tem o nosso rádio! Uma princesa do outro mundo!



Não mentem os que dizem que os cabelos são os maiores inimigos das mulheres, pôsto que roubam-lhe quase todo o tempo disponível...



Não, leitoras. Não é nenhuma «vendeuse» atrapalhada com a encomenda de uma freguesa endinheirada. E' a criadora do «Nem eu» fazendo a seleção dos sapatos que usará durante o dia



E' justo que, de vez em quando, o mortal pense na vida, num futuro mais promissor do que o presente feliz. Vocês não acham justo que Ângela também pense na vida? Ei-la, divisando um horizonte meio americanizado... ⋙→



As flores também são mulheres. Mulheres deliciosas que perfumam a vida da gente. As mulheres se entendem às mil maravilhas. Por isso, a princesa entende as flores...



As crianças têm parte destacadíssima na vida da graciosa Ângela. À uma folga na E-8-A-9, ela corre para junto de suas maiores amigas, as crianças ⋙→

GANHE ATÉ CR$ 200.000,00!!!

A CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

APRESENTA

UMA COMPETIÇÃO POPULAR DE PALAVRAS CRUZADAS

NÃO E' JÔGO! NÃO E' SORTEIO!

APRESENTARÃO

● A Cruz Vermelha Brasileira, entidade de socorro social na paz e na guerra, tendo de enfrentar sérios problemas econômicos para expansão de seus serviços médicos gratuitos, criação de uma escola de enfermeiras, e estar mais apta a prestar socorros ante casos de calamidade pública — como sucede agora com os nossos irmãos do nordeste — resolve lançar a presente COMPETIÇÃO POPULAR DE PALAVRAS CRUZADAS, com o fito de levantar fundos para êsses nobres propósitos.

Como meio de incentivo, mediante modesta contribuição dos concorrentes, oferece ao vencedor a possibilidade de ganhar até Cr$ .. 200.000,00 em dinheiro.

E' um sistema de competição limpa, clara e honesta, sem deixar dúvida alguma sôbre a lisura rigorosa de sua forma de execução. E a Cruz Vermelha espera, com confiança, que o nosso povo saberá responder a esta forma de levantamento de fundos para uma nobre causa, ao mesmo tempo que o competidor se habilita a um apreciável prêmio e mdinheiro, numa forma inteligente e de agradável passatempo.

A COMISSÃO DE SUPERVISÃO

Senador, dr. Vivaldo Palma Lima Filho, presidente da Cruz Vermelha.

General dr. Benjamin Gonçalves, diretor da Cruz Vermelha.

Dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa.

Dr. Paulo César Abreu e Lima, redator da Imprensa Nacional.

O CONCURSO

● E' uma competição simples de palavras cruzadas por um sistema especial. Observe o DIAGRAMA OFICIAL para essa competição, impresso na coluna ao centro da página seguinte. São pequenos corredores em branco, vazios, de 4, 5 e 6 quadros. Veja também que em cima do Diagrama Oficial há um grupo de 6 figuras. O competidor terá primeiramente que dizer que figuras são essas. Como essas figuras representam palavras de seis letras cada uma, naturalmente terão que ser colocadas essas palavras nos corredores de seis quadros.

Ficarão vazios ainda alguns quadros nos corredores de 4 e 5 casas. O competidor terá então que completar o diagrama, preenchendo êsses pequenos corredores com as palavras que queira, de 4 e 5 letras.

Agora v. observe uma tabela de VALORES DAS LETRAS, impressa logo abaixo do Diagrama Oficial. Cada letra do alfabeto tem um valor determinado: o "A" vale 24 pontos, o "B" vale 18 pontos, o "C" vale 28 pontos, e assim por diante. Portanto, quando você procurar completar o diagrama dêste concurso, terá que procurar palavras que tenham letras do maior valor de pontos e que possam ser entrosadas com as seis palavras das 6 figuras decifradas; porque o vencedor dêste concurso será aquêle que consiga o maior escore de pontos, na soma total das 49 letras que entram no diagrama (no diagrama existem 49 quadros em branco).

Só se soma UMA VEZ o valor de uma letra, embora ela sirva para formar duas palavras, uma na horizontal e outra na vertical.

Não existem têrmos "chaves" ou palavras "misteriosas" e ninguém poderá ser o vencedor por meio de burlas de qualquer forma, *porque sòmente servem palavras registradas em dicionários*, desde que publicados no Brasil e na ortografia simplificada. Ficam excluídos têrmos dos dicionários publicados em Portugal, porque não estariam ao alcance de todos no Brasil.

Concluindo, não entra nesta competição o fator sorte, e você, verá claramente que não há nenhuma possibilidade de ludibrio, porque você poderá consultar os dicionários que quiser, empregar as palavras que quiser e fazer o maior número de pontos, tudo dependendo *exclusivamente* do seu esfôrço pessoal.

Veja agora como é fácil preencher o diagrama. Vamos mostrar um grupo de 6 figuras que decifraremos imediatamente.

São elas:

1) CASACA — 2) LANCHA — 3) ÓCULOS — 4) MASTRO — 5) CAVALO e 6) TAPÊTE.

Foram pois decifradas as 6 figuras, tôdas com 6 letras cada uma. Vamos mostrar a seguir um *diagrama de demonstração*. O diagrama já o completamos. Copiamos, nos corredores de 6 quadros, as palavras que as 6 figuras representam. E vamos logo acabar de encher os quadros, que iam ficar vazios, com letras que formam palavras da língua portuguêsa:

DIAGRAMA DE DEMONSTRAÇÃO

	C	A	N	A	L		C	A	P	I	M	
	A				A		A				A	
	S				N		V				S	
	A				C		A				T	
	C				H		L				R	
	A			P	A	V	O	R			O	
				O				O				
				V				S				
O	C	U	L	O	S		T	A	P	E	T	E

CANAL — CAPIM — PAVOR — ROSA e POVO.

Se somarmos os valores das 49 letras que preenchem êste diagrama de demonstração, veremos que

seu total é de 1.175 pontos. Vamos pois aumentar o escore acima.

Vamos trocar a palavra ROSA pela palavra RALA. O "O" vale 12 pontos e o "S" 29 pontos. Na palavra RALA o "A" vale 24 pontos e o "L" vale 32 pontos, portanto já ganhamos 15 pontos com a troca. O mesmo faremos com a palavra POVO, trocando-a por POLO, pois o "L" vale 32 pontos e o "V" sòmente 20 pontos. E assim por diante. Também podemos mudar de posição as palavras de 6 letras, à nossa vontade, trocando-as entre si de corredor. Por exemplo, se você colocar a palavra TAPÊTE no corredor onde está CASACA, talvez possa encontrar uma outra palavra que comece por "T" e que seja de maior valor de pontos do que a palavra CANAL.

Pois, para preencher o Diagrama Oficial, v. procederá como acabamos de demonstrar.

OS PRÊMIOS

1) Ficam estipulados três grandes prêmios para três classes de competidores, e mais 25 prêmios menores, a saber:

GRUPO A

Cr$ 100.000,00 para o vencedor dêste grupo, que são os competidores que façam uma doação à Cruz Vermelha de Cr$ 100,00.

GRUPO B

Cr$ 60.000,00 para o vencedor dêste grupo, cuja doação à Cruz Vermelha fôr de Cr$ 60,00.

GRUPO C

Cr$ 40.000,00 para o vencedor dêste grupo, que são os competidores que façam uma doação à Cruz Vermelha de Cr$ 40,00.

E mais 25 prêmios de Cr$ 1.000,00 para os que fizerem os maiores escores logo abaixo dos vencedores dos grandes prêmios.

2) Você poderá também entrar nos três grupos acima, desde que faça uma doação correspondente aos três grupos, num total de Cr$ 200,00, pois assim terá sempre mais possibilidades de vencer, ou os três prêmios englobados, de Cr$ 200.000,00 ou um ou dois dos prêmios acima. Em outras palavras, é como se você se inscrevesse separadamente em cada um dos grupos.

Para entrar em mais de um grupo, basta remeter um único diagrama, com o seu escore máximo.

3) O concorrente que tenha entrado para um grupo, e que depois queira também concorrer aos demais grupos, poderá fazê-lo remetendo o donativo correspondente a êsses grupos.

4) Nenhuma inscrição será válida se não vir acompanhada da doação, que deve ser por vale postal ou cheque de banco, visado, por cartas registradas, e é aconselhável por via aérea, quando de Estados fora do Rio de Janeiro.

As ordens de pagamento deverão vir designadas para: "CONCURSO DA CRUZ VERMELHA", Praça Cruz Vermelha, 12 — Rio de Janeiro.

REGRAS PARA A COMPETIÇÃO - *Leia com atenção!*

1) A competição está aberta sòmente para os habitantes do território nacional, de qualquer idade, sexo ou nacionalidade.

2) Decifrar as 6 figuras que estão acima do Diagrama Oficial. Cada figura representa uma palavra de 6 letras. Se sua decifração fôr correta, a soma total das 36 letras das 6 figuras deverá ser de 817 pontos, de acôrdo com a tabela de Valores das Letras. Se sua definição das 6 figuras não der o total dos 817 pontos, está errada, e tente novamente, até acertar. O competidor deverá colocar essas seis palavras nos corredores de 6 quadros do diagrama, desde que seja de cima para baixo e da esquerda para a direita.

3) As casas que ainda ficarem vazias no diagrama deverão ser preenchidas por letras que formem palavras da lingua portuguêsa e NA ORTOGRAFIA SIMPLIFICADA. Só serão admitidos têrmos registrados nos dicionários editados no Brasil pela ortografia simplificada, inclusive o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Lingua Portuguêsa, da Academia Brasileira de Letras.

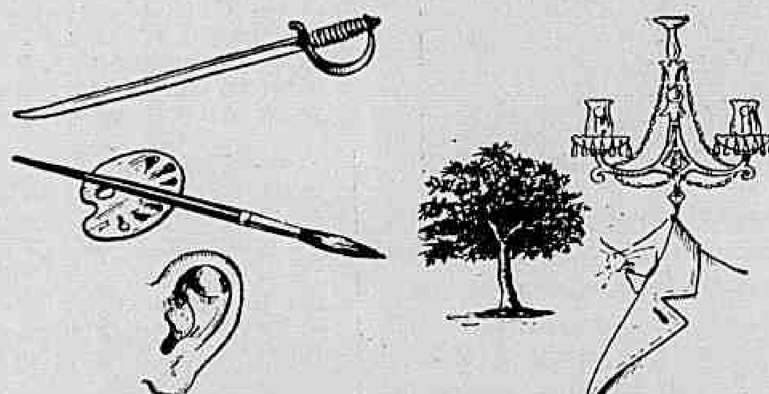
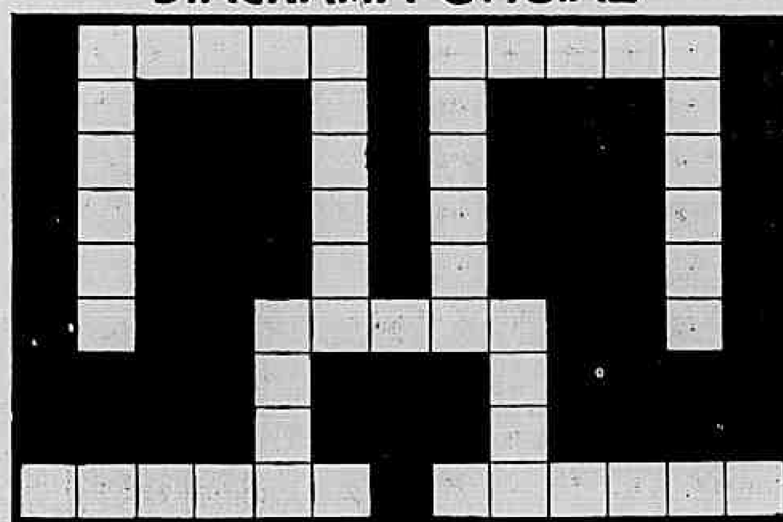


DIAGRAMA OFICIAL



VALOR DAS LETRAS

A = 24	G = 25	N = 34	T = 30
B = 18	H = 31	O = 12	U = 26
C = 28	I = 16	P = 27	V = 20
D = 21	J = 22	Q = 23	X = 13
E = 14	L = 32	R = 15	Z = 19
F = 17	M = 33	S = 29	

MEU ESCORE TOTAL É............

CONCURSO CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

Praça Cruz Vermelha, 12

Rio de Janeiro

Prezados sennores:

O competidor abaixo faz a doação de Cr$ ... ., para essa humanitária instituição, entrando para esta competição de palavras cruzadas com o seu escore acima. Declara outrossim aceitar tôdas as condições desta competição, impressas nesta publicação.

Nome ....

Rua .... nº ....

Cidade .... Estado ....

Ass. ....

O concorrente

Patente solicitada — Reservados os direitos autorais.

4) Some então o valor das 49 letras no seu Diagrama Oficial preenchido, escreva êsse total na parte indicada, com seu nome e endereço, assine a aplicação e remeta-a com seu donativo, de acôrdo com o Grupo em que queira participar.

NÃO É PERMITIDO

a) O emprêgo da mesma palavra mais de uma vez;

b) palavras no plural;

c) emprêgo de nomes próprios (como nomes de rios, pessoas, cidades, lagos, etc.);

d) combinação de letras que designam organizações particulares ou oficiais, como partidos politicos, estações de rádio, repartições públicas, etc., nem simbolos de quimica ou de fisica, nem têrmos que possam ser tomados em sentido obsceno;

e) palavras compostas separadas por hifen (traço de separação) como RECO-RECO, VICE-REI, etc.;

f) nenhuma palavra estrangeira na grafia original, como football, abat jour, tagliarini, etc.), a não ser que já estejam aportuguesadas em nossos dicionários e que não empreguem as letras K, Y e W.

g) não empregar isoladamente nenhum sufixo ou prefixo (como "inho", "eta", "intra", "circun", "per", etc.) nem palavras cortadas em forma de abreviação (como LTDA. para indicar Limitada, etc.).

5) A seção CONCURSO DA CRUZ VERMELHA não trocará correspondência com os competidores, de vez que as condições estão claramente expostas. Os diagramas vencedores serão enviados a TODOS OS COMPETIDORES, findo o concurso, com os nomes e endereços dos vencedores.

6) O concorrente deverá somar seus pontos com muito cuidado, porque a Cruz Vermelha não se responsabiliza pelos equívocos nessas somas.

7) O encerramento do concurso será no dia 30 de maio vindouro. As remessas de inscrições com as doações deverão vir com os envelopes carimbados ponsabiliza pelos equívocos nessas somas.

8) Até 30 dias após a data do encerramento, ou seja, até 30 de junho vindouro, os concorrentes inscritos terão o direito de remeter UM SEGUNDO E ÚLTIMO DIAGRAMA em substituição ao primeiro. Isso permitirá retificações de erros e uma oportunidade para se aumentar o escore. E' pois aconselhável que os concorrentes façam uma cópia do desenho do Diagrama Oficial, para tal eventualidade. Só se aceita uma única substituição, e que venha claramente marcada com "DIAGRAMA SUBSTITUIÇÃO", com o nome, endurêço e assinatura do concorrente. (Doação não é solicitada para essa substituição.)

Remetam pois suas inscrições sem perda de tempo, mesmo que seu escore não seja o definitivo, pois não só assegurarão a sua inscrição na competição, como evitarão congestionamento de entradas nos últimos dias do encerramento.

9) Em caso de empate entre dois ou mais concorrentes, ser-lhes-á enviado um segundo diagrama para desempate, com prazo para devolução. Receberão êles os diagramas de desempate no mesmo dia, mesmo que residam em localidades distantes, de forma que o tempo para solucionar o diagrama de desempate será igual para todos.

10) O pagamento dos prêmios será feito imediatamente após ser proclamado o vencedor ou vencedores.

ÊSTE É O CONCURSO MAIS HONESTO E DE MAIOR EQUIDADE QUE JÁ SE REALIZOU NO BRASIL!

A VITÓRIA DEPENDE EXCLUSIVAMENTE DE SEU ESFÔRÇO PESSOAL!

INSCREVA-SE JÁ COM O SEU PRIMEIRO ESCORE, SEM PERDA DE TEMPO!

MELHORE O ESCORE DEPOIS!



HAMILTON MANTÉM A LINHA — Todos não desconhecem êsse seguro locutor Hamilton Frazão, cuja foto acima estampamos. Sempre preciso nas principais audições da emissora da Praça Mauá, Hamilton nunca decepciona os programadores que o distinguem com os melhores horários. Além de ser um dos mais capazes «papagaios» da E-8, Frazão ainda dirige com segurança a Rádio Industrial de Juiz de Fora, que não fica devendo muito às congêneres cariocas. Hamilton Frazão continua mantendo aquela linha de boas alocuções em tôdas em que está programado.

DISSE - ME - DISSE

MR. KOLICYCLO

A Rádio Nacional está cheia de "maricotinhas". Homens idosos, com cêrca de quarenta anos na lombada, ainda se dispõem a fazer intrigas dos novatos que merecem melhores oportunidades. Citar nomes seria um tanto deselegante. E' mais interessante que êles próprios sintam a exatidão da carapuça.

★

Ninguém mais se entende nas emissoras associadas. A Taba está transformada num verdadeiro saco de gatos. Todos mandam, mas ninguém obedece. Dinheiro não há. Contam até que, semanalmente, corre a "Lista da barba", que os porteiros e continuos fazem circular pelos pobres corredores associados, para que possam, pelo menos, se escanhoar. Seria de bom alvitre que o sr. Chateaubriand colocasse gente que de fato saiba dirigir alguma coisa. O time que se encontra defendendo o prestigio das organizações associadas está jogando muito mal.

★

O sr. Orciouli começou muito bem na Roquete Pinto, mas agora iniciou a coletagem de tôdas as nulidades existentes na praça e doou-as à veterana D-5. De uns tempos para cá, apareceram tantos produtores na emissora municipal que são um verdadeiro caso de polícia. Vamos fazer um expurgozinho, sr. Orciouli?...

★

Na Mayrink Veiga há um rádio-ator que é uma beleza. Para três palavras pronunciadas, êle dá, perfeitamente audíveis, três assobios. Aliás, o dito cujo — Faria Veiga, primo do dono da rádio — podia arranjar um bom "slogan": "o rádio-ator que assobia diferente"...

VALE A PENA SABER

A atriz Margot Louro, espôsa do conhecidíssimo Oscarito, vem atuando com destaque nas audições rádio-teatrais da Difusora do Depto. Federal de Segurança Pública.

★

O produtor Fernando Lôbo, figura do primeiro time da Nacional, já foi um dos mais populares cantores do sem fio da terra do açúcar, tendo conseguido grande êxito interpretando melodias folclóricas.

★

Suzy Kirby, que já foi publicista de diversas emprêsas cinematográficas, é uma rádio-atriz caricata capaz de imitar perto de cinco dezenas de vozes diferentes!

★

Herrera Filho, agora «free-lancer» do rário carioca, no seu tempo de rapazinho já foi linotipista da «A Tribuna», de Santos.

★

Sagramor de Scuvero, antes de ser a boníssima conselheira que todos conhecemos, foi uma das rádio-atrizes mais seguras de nosso «broadcasting», tendo atuado nos seriados da Rádio Mayrink Veiga.

★

Se falarmos em Arno Werner Broda, ninguém conhecerá. Mas, se falarmos em Sérgio de Oliveira, todos reconhecerão, logo, o apreciado locutor-rádio-ator da Globo. Sérgio é filho das terras gaúchas.

PONTOS de VISTA

"Entre os redatores de rádio é flagrante o abuso de idéias tôlas. Programas que chegam a ser verdadeiras afrontas ao bom senso quer pela falta de humor, quer pela imoralidade, quer pela ausência de utilidade que demonstra". — *Amaral Gurgel.*

★

"Somos contra os aplausos nos concertos. Julgamos que a música não deve ser acolhida com palmas e gritos, reação algo primitiva, que devia ser substituída pelo silêncio, única manifestação digna da educação estética das platéias cultas. No rádio, os aplausos ficam ausentes, quando não se trata de programas populares, que se nutrem de ruídos de auditórios em delírio". — *Mag.*

(Cont. na pág. 34)

DAQUI, DALI, DACOLÁ

— Antônio Leite assumiu as funções de diretor de rádio-teatro da Tamoio, em substituição ao talentoso Aldo Madureira, que agora é assistente da Direção Geral de "Broadcasting" das Associadas.

★

— Tânia Maria e Chocolate, do "cast" da Nacional, farão uma "tournée" por alguns países da Europa, estando o embarque fixado para o dia 25 do corrente.

★

— Geraldo Avelar, seguro rádio-ator da E-8, contraiu núpcias com a srta. Hilda Cândido. O feliz casal foi muito felicitado pela família radiofônica.

★

— Inesita Barroso, da Nacional paulista, está realizando vitoriosa temporada ao microfone da "terceira emissora do mundo". Inesita também está se apresentando na "Boite" Vogue.

★

— Os vencedores do concurso "Melhores de 52" receberão as medalhas a que fizeram jus, em uma grandiosa festa promovida pela instituidora do certame, a "Revista do Rádio", marcada para o dia 27 do vigente, no Teatro Carlos Gomes.

★

— Grandes transformações estão se operando na PRB-7. Entre elas, a nomeação de Hamilton Pacheco para o pôsto antes ocupado por Luís Quirino, que se passou em melhores condições para a TV-Tupi. Não temos dúvida quanto ao valor do jovem Hamilton Pacheco, que tem muita propriedade para dirigir a **alta** artística da "emissora da família brasileira".

★

— Hélio Mota, jovem cantor de diversos gêneros, está para assinar compromisso com a Rádio Nacional. As bases, bem tentadoras, já estão sendo estudadas.

★

— A Rádio Clube do Brasil transmite, com absoluto sucesso, aos domingos, no horário de 19 horas, a interessante série "Teatro de obras primas", que já teve oportunidade de apresentar, entre outras, "O fantasma de Canterville" e "O retrato de Dorian Gray".

★

— Dentro de breves dias, a Mayrink inaugurará um auditório que comportará um bom número de freqüentadores. As obras marcham aceleradas e Armando Louzada, incansável ao extremo, superintende a aceleraão.

★

— Célia Morais, que pertencia ao "Cacique do Ar", assinou contrato com a Nacional, tendo atuação destacada no "Boa tarde, madame!". Célia foi forjada na granja do **cineasta** Berliet Júnior.

★

— Santos Garcia, um **velhinho** sempre simpático, continua firme com seus "musicais" na Guanabara.



Um dos jovens contratados da Nacional que mais vem se destacando em seus «seriados» e «montados», é o rádio-ator Darcy Pedrosa, eficiente discípulo de Amaral Gurgel. Egresso da Globo, onde se iniciou profissionalmente, o jovem Pedrosa vem crescendo cada vez em sucesso nas audições em que se apresenta; ora fazendo o mocinho doce e suspirador, ora criando o sujeito mal e fora da lei. Não será estranhável se, dentro de breves meses, os aficionados das programações da PRE-8 verem Darcy Pedrosa colocado num belo primeiro plano. Valor e possibilidades não lhe faltam.

CENA DISCOS
EDEL NEY



Da esquerda para a direita, vemos: Edel Ney, Felisberto Martins, (diretor artístico da Odeon), Luís Escobar (cantor português, agora radicado no Brasil) e Wilson Silva (compositor), quando, momentos antes da gravação do bolero «Último Adeus», de autoria da dupla Wilson Silva-Edel Ney, estudavam detalhes para a referida gravação. O novo disco de Luís Escobar deverá sair em maio próximo

FUNDO MUSICAL

EDEL NEY

A nossa música sofre, no momento, talvez a sua maior crise de temas. As velhas e tão batidas letras de amor estão gastíssimas. e é preciso ao poeta uma inspiração real, viva, para que êle possa compor versos realmente bonitos, falando de amor. Do contrário cairá nos eternos motivos, nas imagens viciadas, tudo carecendo do menor sentimento. E quando não há sentimento no que o poeta escreve, e no que o músico compõe, naturalmente, o poema escrito e a música não entrarão nos ouvidos do povo. Tudo que, em arte, não vem impregnado dum sentimento sincero, ressoa falso. E se perde. Aliás, o grande poeta alemão Heine, já disse, certa vez, que a mais difícil poesia, para se escrever, é a poesia de amor. E o mestre tinha razão.

E, como aos nossos compositores, (à maioria) falta inspiração, nos deparamos diàriamente, como sambas e canções que, explorando o tema do amor, nada trazem de novo, nada dizem de verdade e, por isso nunca farão sucesso. Mas, à fôrça de tanto explorar o velho tema difícil com baboseiras, cansaram o povo. Resta, portanto, ao compositor que deseja despertar a atenção popular, no momento, a procura de um tema original.

E, por isso, afirmamos que a nossa música atravessa a maior crise de temas. Todos "notam" o cansaço do tema amoroso, e procuram o "original", o nunca feito. Mas, aí é que está o quebra-cabeças! Buscar o original custa tempo e, quase sempre leva ao ridículo. Resultado: enquanto compositores e cantores buscam o "nunca feito" para atrair a atenção popular, a nossa música fica assim como que meio parada, à espera dos acontecimentos. E as belas músicas amorosas, realmente inspiradas, e não "arquitetadas", esperam agora, a sua vez, despresadas, devido à enxurrada de composições de amor falsificadas, saídas das caixas de fósforos de nossos "compositores" e "fabricantes", anos à fio, e as quais, justamente, "cansaram" o público.

DISCOS MAIS VENDIDOS

Os discos mais vendidos no momento, segundo informações das próprias gravadoras são os seguintes: "De cigarro em cigarro", com Nora Ney (Continental), "Cuco" e "Gigolete", com Pascoal Melilo (Copacabana), "Índia", com Cascatinha e Inhana (Todamérica), "Mambo nº 8", com Waldir Calmon e "Mulher Rendeira", com o Trio Marabá (Copacabana), "Baião manhoso", com Manuel Macedo (Sinter), e "Mulher Rendeira", Homero Marques e os Demônios da Garoa (Odeon). Mas, já outros sucessos despontam, dispostos a conquistar seu lugar ao sol.

O FURO

A Odeon, conforme nos assegurou o seu diretor artístico Felisberto Martins, possui um disco inédito do saudoso Francisco Alves, o qual deverá ser lançado muito brevemente.

VISITAS

Entre os artistas esperados no Brasil para breve, destaca-se a famosa organista norte-americana Ethel Smith, que grava para a Decca. O mais novo disco dessa solista famosa em todo o mundo, inclui a não menos célebre "Aniversary Song", de Al Jolson e Saul Chaplin, e "The syncopated clock", de Leroy Anderson.

AS BOMBAS

Tem-se como "bomba" de êxito seguro, o bonito samba-canção "Minha Vida", que Odete Amaral deverá gravar por todo êsse mês. Segundo nos afirmou um de seus autores, o consagrado compositor - cantor Erasmo Silva, o samba é uma espécie de auto-biografia sintética da querida estrêla das Associadas.

★

Também o grande cantor da nacional Albertinho Fortuna possui uma "bomba" para êsse ano. Tão grande, talvez, quanto a sua versão do "Mano a mano".



Dupla Norte e Sul

DISCOS—NOVIDADES

DA CONTINENTAL

O chôro "Brincando com o cavaquinho" e o baião "Dezoito quilates" são os novos lnçamentos de Waldir Azevedo e seu conjunto.

★

O bonito fox "Too Young", de Sid Lipman e Silvia Dee, foi gravado por Lúcio Alves, em expressiva versão do jornalista e compositor Bruno Gomes, atual responsável pelo Departamento de Divulgação da Continental.

DA COPACABANA

O grande pianista Waldir Calmon, que vem obtendo grande êxito com "Mambo nº 8", apresenta nova chapa com: "Mambo na España", de Ramon Marquéz e "Cao, cao, mani picao", guaracha-mambo de J. Carbó Menéndez. Acompanhamento da Orquestra de Waldir e refrão vocal de El Cubanito, que marca sua estréia em sêlo Copacabana.

Não resta dúvida que Roberto Luna será uma das boas revelações fonográficas da etiquêta do sr. Vitorio Latari. Seu mais novo disco se compõe de dois belos samba-canções: "Meu Cigarro" de Geraldo Queiroz e Sebastião Nunes, e "Hás de lembrar", de Catulo de Paula e Washington Fernandes. Outro sucesso certo de Roberto Luna será "Tua Bôca", samba-canção de Hianto de Almeida com versos dêsse cronista.

DA ODEON

Mário Camargo, diretor de propaganda da Odeon fêz a versão da canção italiana "E' troppo tardi".

★

Violeta Cavalcante, nova estrêla da fábrica de Felisberto Martins gravou a versão de Guido Douglas de "Softly as in a morning sunrise". Na face B, "Minha morena", baião de Henrique de Almeida, Rômulo Paes e Braga Filho.

CRITICANDO E COMENTANDO

Como o rádio, o disco precisa de "sangue novo". Vozes novas, coisas novas, gente nova. E, embora o ano de 1952 apresentasse uma série bem interessante de estréias, queremos crer que o ano corrente poderá muito bem ser denominado "o ano das revelações", tal o número de estreantes prometidos pelas nossas gravadoras. Entre as novidades vale a pena ressaltar a DUPLA NORTE E SUL, formada pelos compositores Uzias da Silva e Alventino Cavalcante, (dois bons autores novos com várias gravações de sucesso na praça), dupla essa que já vem se exibindo com êxito em "shows" e revistas. A "Dupla Norte e Sul" deverá estrear breve em uma das nossas emissoras, e numa gravadora nova, interpretando seus números originais.

DISCOS EM DESFILE

Ainda em versão de Mário Camargo, Homero Marques, cantor paulista, gravou "Um lugar ao sol", de Franz Waxman-Jay Livingston-Ray Evans. E levou à cêra, também, o samba-canção "Sonho de criança", de Francisco Carlos (?) e José Roy (?).

★

Dajos Bela e sua Orquestra estão presentes no novo suplemento Odeon, com "Moças de Viena", uma valsa de Carl Michael Ziehrer, e "Flores do meu jardim", outra valsa de Mário Battistella.

Da Victor

Ivon Cury deverá obter grande sucesso com o seu disco de estréia para essa gravadora. A face forte de seu disco é, sem dúvida, o fox "Amor de hoje", que Ivon interpreta no filme "É fogo na roupa".

★

A graciosa Stellinha Egg tem um forte disco na praça. Na sua nova chapa, a linda estrelinha da nacional apresenta o "Baião de Diamantina" e o chote "Porongo Velho".

Por sua vez, Zacarias e seu conjunto gravou o "Baião do Sul". Na face B, com a participação de Os Cariocas, o grande êxito alemão, "Auf Wiedersehen, meu amor".

(Cont. na pág. 32)

Dajos Bela, o notável violinista



AO LADO do monumental Ivon Cury, o fabricante de gargalhadas gosa o efeito de uma de suas piadas...



AGORA o homem de «são cosas do bandoneon» ameaça asfixiar Lewgoy. Mas não acreditem nisso, pois o Pagano é muito bonzinho...

PAGANO SOBRINHO
HUMORISTA de AUTARQUIA

CHEFE DE REPARTIÇÃO NAS HORAS OCUPADAS E FABRICANTE DE PIADAS NAS HORAS VAGAS ★ UM TÍTULO QUE MUITO O ENVAIDECEU ★ O DIA MAIS TRISTE DE SUA VIDA... ★ PAGANO E' FÃ DE LINDA BATISTA E ISAURINHA GARCIA

Reportagem de O. CORRÊA
Fotos de R.R.

Uma das coisas mais pitorescas dêsse nosso rádio, que dá dez passos para a frente e dez para trás, é o sempre sorridente Pagano Sobrinho, um dêsses sujeitos que, se não existisse, era premente a sua criação. Pagano anda constantemente de braço dado com a alegria. Dificilmente o encontramos de cara amarrada.

Pagano é humorista, mas seu humorismo é original, foge inteiramente ao vulgo. Êle pinta o bulício da vida de u'a maneira diferente; satiriza as injustiças da existência com u'a mordacidade que nos faz ver o lado claro da vida.

★

O ano de 1951 foi felicíssimo para Pagano. Além de o passar só recebendo aplausos de seus milhares de aficionados, Pagano foi laureado o "melhor humorista da paulicéia", tendo conquistado o cobiçado "Roquete Pinto" do rádio bandeirante. Nesse mesmo ano êle foi convidado a fazer umas "noitadas" na Rádio Nacional carioca. Os críticos da capital paulista não acreditavam em seu êxito, pôsto que os cariocas talvez não se adaptassem à sua maneira de fazer graça com muitas segundas intenções. Mas enganaram-se completamente, pois os guanabarinos "moraram" logo de saída nos ditos gaiatos do maior humorista da paulicéia.

Hoje, tôda a Cidade Maravilhosa já lhe conhece de sobejo e não perde uma de suas apresentações no "Noite de Estrêlas", que Paulo Gracindo anima às sextas-feiras.

★

Pagano não é só o fino humorista. Êle também é funcionário público... Numa das muitas autarquias da terra da garoa êle chefia uma secção... e como chefia. Na repartição êle é o sr. Pagano, burocrata como êle só, a despachar papéis para diversos departamentos especializados. E êle nos diz:

— Na minha secção, imponho o maior respeito... Quando ponho o meu pé nas dependências da repartição, me transformo completamente. Entretanto, não deixo de ser amigo de todos e os trato como se fôssem verdadeiros irmãos... Agora, o que eu quero é que o serviço ande. Estou certo ou não?

Claro que está certo, não pusemos dúvida à assertiva pagânica.



CERCADO por Silvana e José Lewgoy, dois dos seus maiores amigos, o humorista banca o cantor clássico

Mas, leitores, será um pouco difícil calcularmos um Pagano Sobrinho triste, sorumbático mesmo, a ditar ordens a seus funcionários! Será difícil, não é mesmo?

★

Agora, ouçamos êste caso interessante, narrado à maneira pelo próprio Pagano. Preparemo-nos para ouvir. Todos prontos? Então, vamos ao caso:

— Como você sabe, todo artista sofre um pouco de "apoteose mental". Eu sou um dêles... Em São Paulo, certa vez, um senhor de certa idade parou-me na rua para perguntar, com grande admiração, se eu não tinha me candidatado à vereança... Fiquei sinceramente comovido! Aquêle senhor devia me considerar muito, pois insistia a que eu me candidatasse, dizendo de minhas possibilidades em ser eleito. (Agora é que vem a minha "apoteose mental"). Eu, então, abanando a minha mão direita como se fôsse um leque, disse até com certo desprêso: Absolutamente... Agradeço seu interêsse e consideração, mas tenho pavor à política! Não gosto e vejo mesmo que não é coisa para mim. O tal senhor, tirando um cartão do bôlso, disse-me, obsequiosamente: — "Caso o senhor resolva, me procure. Eu tenho uma pequena tipografia..."

E, fazendo uma daquelas suas caretas tristonhas, aplicou o feche:

— Aquêle foi o pior dia de minha vida!...

★

Apreciado por todos os seus colegas do sem fio, Pagano também tem suas preferidas, tanto até que dá a vida para ouvir melodias interpretadas pelas simpáticas Linda Batista e Isaurinha Garcia. Êle não pode passar uma noitezinha sem ouvir as suas coleguinhas interpretando u'a musiquinha bem brasileira; e assim mesmo, leitores, tudinho nuns gostosos diminutivozinhos. Entretanto, êle esclarece que, apesar de ter acentuada preferência pela Linda-Isaurinha, não joga para corner o batalhão enumerável que trabalha quase de graça para os diretores ds nossas emissoras.



APESAR de ser funcionário público, Pagano não é, como os seus colegas, triste e sorumbático, pois êle não perde vasas para uma brincadeira



A MÁQUINA é apenas para fazer pose, pois o incrível Pagano faz os seus programas sem «script», na horinha...

★

Alguns escribas especializados já o cognominaram, merecidamente aliás, de "O Portinari do humorismo nacional". Estão certos, pôsto que Pagano Sobrinho faz humorismo moderno, à base da política sadia... do...

— Manjaram... ou boiaram?

Os ouvintes já acostumados à verve incorrigível do Pagano, moram à primeira vista, mas os novatos na arte pagânica boiam completamente. São engraçadas e um tanto difíceis as piadas e os casos contados pelo paganíssimo humorista das Nacional carioca-paulista. Pagano atua lá e cá; avião prá lá, avião prá cá. E todos morrem de rir com as tiradas portináricas do incrível. Pagano Sobrinho.

★

O cinema também não o podia deixar de lado. A Atlântida, podemos dizer, uma das grandes organizações fílmicas de nossa terra, lançou-o com êxito no "role" "Barnabé, tu é meu", criando o incrível homem do pirolito. Sua atuação foi muito comentada pelos críticos de todo o Brasil. Adiantou-nos Pagano que já recebeu novos convites da Atlântida, mas que seus inúmeros compromissos não permitem que êle pose novamente ante às cameras. Mas, é certo que, mais dias, menos dias, a sétima arte o tenha outra vez em seu endinheirado seio.



NOVAMENTE com José Lewgoy e Silvana, o popular humorista da Rádio Nacional conta as suas últimas e pergunta: «Manjaram ou boiaram?»

UMA "TOURNÉE"...

(Cont. da pág. 7)

como uma nova Ingrid Bergman em personalidade e talento. Hoje, após abandonar seus estudos de arte em Roma e transferir-se com armas e bagagens para Hollywood, onde a Metro a tem sob vantajoso contrato, a jovem italianinha dos cabelos côr de mel e olhos verdes estabeleceu-se no cenário artístico mundial como a "estrêla" menos sofisticada de todos os tempos. Em Hollywood, Pier constitui uma figura à parte — uma raridade quase mística — uma jóia rara. Quando lhe digo que a admiro por não se ter contagiado pelo mundanismo da Meca do Cinema, Pier exclama:

— Mas eu não quero ser diferente! Já que pertenço à mesma profissão, pretendo ser igual aos meus colegas...

Ela explica que Debbie Reynolds a tem ajudado a americanizar-se, ensinando-lhe gíria, levando-a a feiras de amostras (Pier adora a montanha russa) e dando-lhe a comer os típicos "hot dogs" da Terra de Tio Sam. E a italianinha que Leonide Moguy descobriu para o cinema sente-se satisfeita em fazer parte da juventude americana, pois acha o sistema de vida nos EE.UU. simplesmente maravilhoso, tão diferente da Sardinia onde nasceu ou da Roma em que se criou. Adaptou-se inteiramente. Mas não conseguiu deixar de lado suas características de jóia rara que ela tanto quer combater para se igualar às garôtas americanas. Porque, na verdade, tal qualidade é inata em Pier e constitui o seu maior atrativo. Sua irmã-gêmea, Marisa Pavan — que se acha contratada pela Fox — possui também essa doçura e simplicidade que caracterizam Pier. Talvez por isso a mãe das garôtas se venha desdobrando no cuidado com as filhas. Ao ficar viúva há três anos atrás, a Sra. Enrica Pierangeli (ex-atriz amadora) incentivou Pier a que abraçasse a carreira artística, mas fazendo-a prometer que isso jamais afetaria a vida da família. Tanto Pier, como Marisa, souberam manter a promessa. Quando D. Enrica criticou o namôro de Pier com John Barrymore Junior, ela afastou-o imediatamente. E, hoje, os companheiros da *estrelinha* em festas e premières são todos rapazes aprovados por sua mãe, como Arthur Loew Jr., Miguel Alemán Jr. (filho do Presidente do México) e Raul Smandek, Vice-Cônsul do Brasil em Los Angeles. No entanto, Pier enfrenta, no momento, um sério problema. Embora ela não o admita positivamente, sabemos que está apaixonada por Kirk Douglas, seu galã em "The Story of Three Loves". Quando, recentemente, estêve na Europa, serviu de cicerone a Kirk e êle disse a amigos íntimos que pretende vencer tôdas as barreiras para se casar com ela. Fervorosa católica, a mãe de Pier não quer ver a filha desposar um homem divorciado. Mas os encantos de Kirk são tantos que se torna difícil a Pier resistir à sua fascinaçao. Só o tempo dirá se ela continuará uma filha obediente ou seguirá o impulso do seu jovem coração... Após a viagem ao Brasil, Pier voltará a Hollywood a fim de preparar-se para o seu papel em "The Flame of the Flesh", com Lana Turner e o galã argentino Carlos Thompson. A exemplo das anteriores películas de Pier — que, com exceção de "The Story of Three Loves", foram tôdas filmadas *in location*: "Teresa" e "O Milagre do Quadro" na Itália, "Homem, Mulher e Diabo" na Alemanha e "Sombrero" no México — "The Flame and the Flesh" também será realizada na Europa. Assim, ela terá oportunidade de estar novamente com Kirk (êle se acha lá filmando "The Girl on Via Flaminia") e, dêsse encontro, poderão resultar muitas surprêsas...

CARLETON CARPENTER já era um nome famoso no rádio e na televisão quando o pordutor Louis De Rochemont contratou-o para um papel no seu filme "Fronteiras Perdidas".

— Na minha infância, eu pretendia ser mágico ou cantor, — explica o simpático Carpenter, quando Pier mo apresenta nos estúdios da Metro. — Só mudei de idéia e resolvi tornar-me ator depois dos 14 anos, quando a Universidade onde eu estudava resolveu oferecer bôlsas de estudos de arte dramática.

Carleton é um tipo de rapaz ultra-dinâmico (jamais consegue ficar parado mais de 15 minutos no mesmo lugar!) e êsse seu temperamento inquieto levou-o a tentar tudo na vida. Aos 10 anos aperfeiçoou-se em mágicas e, com o nome de *Professor Upham*, percorreu diversos clubes e hospitais de New England. Mais tarde, estudou piano e começou a compor melodias populares. Abandonando o ginásio para ir tentar a carreira teatral em Nova York, o jovem Carleton conseguiu pequenos papéis no côro das operetas "O Soldado de Chocolate" e "The Magic Touch". Quando soube que o produtor De Rochemont estava selecionando o elenco de "Fronteiras Perdidas", Carleton apresentou-se em Hollywood e não só ganhou um bom papel como viu a canção de sua autoria, "I Wouldn't Mind" aproveitada como tema do filme. Contratado pela Metro, êle passou a fazer dupla com Debbie Reynolds em diversos musicais de sucesso como "Quando Canta o Coração" e "Três Palavrinhas". Mas, a despeito do seu êxito como cantor cômico ("o compridão", como o apelidaram), Carleton desejava variar de papéis e o estúdio resolveu elevá-lo ao *estrelato* em "Fearless Fagan" (a história do soldado que domesticou um leão), com Janet Leigh e "Sky Full of Moon", com Jan Sterling. Estava consagrado o novo "astro". E como um dos mais versáteis da constelação M.G.M., foi êle enviado à Coréia para divertir os soldados de Tio Sam com as suas mágicas, canções e finíssimo humor de comediante. Agora, chegou a vez da América do Sul. Como embaixador da boa vizinhança americana, Carleton se apresentará nos palcos dos Cines Metro brasileiros intepretando canções com Debbie Reynolds e diálogos românticos com Pier Angeli.

— Talvez façamos uma cena de "Romeu e Julieta", — conta Carleton à repórter de *A CENA*, — mas em tempo de paródia.

Embora componha melodias sentimentais como "Ev'ry Other Day" e "Let Go Your Heart", recentemente lançadas, Carleton não pretende jamais se tornar galã romântico.

— Para mim, tudo tem que ter um leve toque cômico, como o meu papel em "Fearless Fagan", por exemplo. E' por isso que sei de antemão que vou adorar a viagem à sua terra, pois ouvi falar que o povo brasileiro é o mais alegre do mundo!

DISCOS EM DESFILE

(*Cont. da pág.* 29)

Da M.G.M.

Billy Eckstine, o cantor norte-americano do momento, estará na praça, êsse mês, com: "Over the rainbow", de Harold Arlen e E. Y. Harburg, e o famoso "Jalousie", de Jacob Gadé e Vera Bloom.

★

Outro novo disco M. G. M. é o de Arthur (Guitar Boogie) Smith, com os seus Cracker Jacks, em "Rumba Boogie" e "I. H. Boogie", ambos os números de sua autoria.

Da Sinter

O Sinter Trio, que vem angariando aplausos, está vendendo bem o seu disco de estréia, no qual gravou os sucessos norte-americanos "Singin. in the rain", de Nacio Herb Brown-Arthur Freed, e "It had to be you", de Johan-Gus Kahn.

★

Outro disco Sinter que vem aparecendo bem é a mais nova chapa de Manuel Macêdo, o acordeonista recém-contratado pela Nacional. Face A do disco: "Baião Manhoso", de Manuel Macêdo e Marcos Valentim; face B, "Mulher de Piancó", baião de Hianto de Almeida-Edel Ney.

Da Todamerica

Na Todamerica, no mais novo suplemento, encontramos Orlando Correia com dois sambas bonitos: "Como o tempo judiou" e "Quero-te tanto". Orlando procura acertar um novo "Meu sonho é você".

★

Astor e seu Conjunto gravou, para essa etiqueta, o chorinho "Pisando macio" e o "Baião diferente".

Da Decca

O mais recente disco de Bing Crosby se compõe de "I've got you under my skin" e "Just one of those things", ambos assinados por Cole Porter.

★

Guy Lombardo e seus Reais Canadenses gravaram, com o refrão vocal de Rose Marie Lombardo, o fox-trot "I'm confessin", de Doc Dougherty-Ellis Reynolds-Al J. Nelburg, e, com o refrão vocal de Tony Graig, o fox-trot de Cole Porter, "I love you".

Da Pampa

Uma das novidades Pampa no mercado é o disco de Léo Marini, cantor que estêve recentemente entre nós, em brilhante temporada. Essa chapa traz o boléro "Deseo", de Mascheroni-Biri-Raul Capablanca, e o slow "Tu y yo", de Enrique J. Manné e Roberto Lambertucci.

(Cont. na pág. 34)

ATENÇÃO, RUBRO-NEGROS!

CONHEÇAM A HISTÓRIA DO "CLUBE MAIS QUERIDO" DO PASSADO E DO PRESENTE

Leiam o ÁLBUM RUBRO-NEGRO

300 PÁGINAS — PREÇO CR$ 50.00

À VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS. REMETEMOS PELO "REEMBÔLSO POSTAL" — PEDIDOS À EDITÔRA BRASILIDADE LTDA., RUA DA QUITANDA, [illegible] — 2.º ANDAR — C. POSTAL 2.733 — RIO



SINTONISANDO

GUARACY CORRÊA

"UMA PULGA NA CAMISOLA", Tupi, às quintas-feiras, às 21,30 horas. — Foi um desastre a estréia de Badu no quintafeirino do Max Nunes. Aliás, é conveniente se dizer que o obsceno cômico (?) da Tupi explora um gênero de humorismo muito intragável. Por excelência, Badu é um sujeito asqueroso que não merece os aplausos dos ouvintes conscientes e que, de fato, apreciam o bom rádio. Ao ser ouvida a voz do *incerto* artista, todos os receptores devem ser desligados para que não sejam contaminados com o virus da imoralidade e da falta de assunto. Max, se quiser manter o nível invejável de audiência que seu programa já possui, que não coloque nunca, em tempo algum mesmo, êsse imoralíssimo e sensaboroso Badu. *Necessita de uma higiênica profilaxia...*

★

"PARA TODOS", Vera Cruz, diàriamente, às 10 horas — Lamentàvelmente, a E-2, que parece tinha resolvido seguir uma linha de ótimas programações, ainda continua apresentando êsse abominável "Para todos", que estoura a paciência de qualquer ouvinte calmo e disposto a descascar qualquer abacaxi. Henrique Batista, velho, será que você é diretor artístico só de fachada? Vamos ganhar o dinheiro honestamente, fazendo fôrça para a veterana Vera Cruz ganhar mais um pouquinho de vulgaridade. *Indicamos a lata de lixo.*

★

"WALTER PRADO", Tupi, a qualquer hora do dia ou da noite... — E' inacreditável que, num rádio adiantado como o de hoje (?), ainda atue um locutor estilo Walter Prado, analfabeto até a raiz dos cabelos, e cheio de pose, tipo artista de Hollywood. Cada vez que êle pega uma pasta de publicidade, é um estouro tremendo. Burrices começam a voar por todo sos cantos até onde vão os 50 quilowats da Tupi. Agora, o que nos deixa de moela inchada, é a falta de policiamento dos diretores da G-3 que deixam um elemento dessa espécie dirigir-se a milhares de ouvintes. Deus meu, quando nos veremos livre de um sujeito tão burro e tão prosa?! Que beleza se sintonizássemos o nosso cinco válvulas e não ouvíssemos a voz cálida do sr. Walter Prado... — *Sapucaia com êle.* (Neusa Feital não dá jeito.)

★

"O CARTAZ EM PESSOA", Nacional, diàriamente, às 11,15 horas — São sempre agradáveis as audições dêsse *cartaz* animado por César Ladeira. Diàriamente, desfilam através do microfone E-8 as figuras mais renomadas do sem fio guanabarino. César, ainda aquêle César dos bons tempos, continua firme em suas alocuções. E' um prazer se ouvir programas dêsse naipe. *Deve continuar sempre bom.*

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Rádio-Social

TIA LAURA

O MÊS DAS AMARRAÇÕES

É, sobrinhos queridos, já estamos bem próximos do mês de maio — trinta e um dias dedicados à ratificação dos contratos arranjados — à fôrça ou por amor — por êsse sobrinho sempre trapalhão, o Dom Cupido dos Amôres Eternos. A gente do rádio, agora mais francamente pelo casamento, talvez proporcione a essa alquebrada Tia Laura alguns casórios bem regados, quero dizer: uísques, vermutes, caninhas bem temperadas, e porcos e galinhas de pernas pro ar.

Não sei se estou me precipitando, pôsto que ainda nos encontramos em abril, mas até agora ainda não recebi nenhum convite para um casamento radiofônico. Entretanto, tenho certeza que os "brotos" — femininos e masculinos — não me deixarão passar um maio, tão lindo, a sêco, mesmo porque a Tia de vocês, a Laurinha querida do século passado, não é nenhuma flagelada...

★

VÊ SE EMAGRECE, WASHINGTON!

Aquêle sobrinho gordinho da Vera Cruz, Washington Fernandes, precisa deixar de continuar a engordar e de dar duro nas minhas sobrinhas desprevinidas. Ao invés de procurar um remédio que lhe tolha a obesidade, êle dedica seu rico tempo a conquistas donjuanescas, esquecendo-se, talvez, de que nem tôdas as filhas de Eva gostam de homens barrigudos. Ora, Washington, não procure aborrecer a Tia Laura. Emagreça e depois começe a usar a pinta de galã. Se precisar de uns conselhos, a sua postergada Tia Laura está à disposição em sua granja de Campo Grande...

★

O PRONUNCIAMENTO DE J. M.

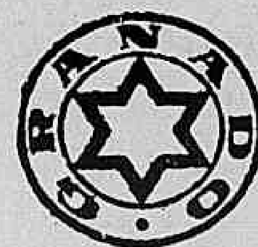
Um rapagão simpático — ah, meus vinte anos! — cheio de vida e tresandando a carinho, que não casa nem por nada, o seguro J. M. Campos, da Mayrink. Não sei como certas sobrinhas ainda não se bandearam para aquêle mineirão cheio de vida e que desponta um grande partido. A idade é inimiga de certas arremetidas. Não fôsse a inclemência do tempo, talvez alguma pessoa, que conversa com vocês semanalmente, se candidatasse a um pôsto no coração do jovem noticiarista mairinquiano.



POLVILHO ANTISSÉPTICO



acaba com as Brotoejas



CORAÇÃO INGRATO

(Cont. da pág. 14)

e sim, por algum outro sentimento. Entre o público encontrava-se também Giorgio Suprina, o qual vendo Elena em liberdade, oferece-se para acompanhá-la, prometendo-lhe um contrato como cantora em um "dancing" onde atualmente êle trabalha. Desta vez Elena aceita a oferta mas, a impressão que ela recebe naquele sórdido ambiente é tal que, desesperada, resolve fugir e vai para a estação com a intenção de partir para a cidade. Antes de embarcar Elena resolve saudar pelo telefone, ao seu defensor. Enrico consegue convencê-la para que espere por êle na estação, pois deseja que ela fique em Roma. No bar da estação Enrico lhe oferece algumas garantias e no dia seguinte ela, por intermédio da mãe de Enrico, está empregada em uma casa de modas, onde em pouco tempo é promovida. Ada percebendo que Enrico ama Elena, desmancha o noivado, deixando-o livre; assim êle em uma noite declara amor a Elena.

Suprina não deixou de perseguir a jovem Elena e uma noite lhe mostra o anel que fôra de Battistoni. Suprina revela que a velha cantora morrera de um ataque de coração que sofrera justamente na hora em que surpreendeu-o roubando as jóias. Elena ouve a confissão com verdadeiro terror e emoção, mas tem coragem ainda de dizer: — Vou denunciar-te! Suprina cinicamente responde: — Denuncie-me, eu irei para a prisão mas tu irás comigo, porque direi que eras minha cúmplice. A jovem foge ainda uma vez do terrível Suprina e vai esconder-se no escritório de Enrico. Êste está de saída à serviço para Nápoles, mas vendo a jovem desesperada e sem compreendê-la, leva-a consigo. Quando êle termina os negócios resolve levá-la a Capri; sob a magia da beleza romântica da Ilha, Elena se entrega ao seu ex-defensor.

Quando ela volta a Roma, da janela de sua casa assiste um roubo de um banco e vê atarefado o seu conhecido Suprina, o qual obriga-a a dar um telefonema para êle. Enquanto o bandido permanece em casa de Elena, chega inesperadamente a mãe de Enrico e o rapaz só tem tempo de esconder-se. A senhora sabendo que o advogado deseja casar-se com Elena — temendo que isso possa prejudicar sua carreira — vem pedir à jovem que saia da vida de seu filho. Quando a senhora se retira, Suprina que tudo escutara, propõe que ela siga-o. Elena recusa indignada. Nessa mesma noite Elena escreve uma carta a Enrico e vai homisiar-se em casa de Anselmo, o ferroviário. Êste arranja-lhe um emprêgo na estação, mas êste sossêgo não pode perdurar porque a jovem leva no seu ventre o fruto do seu amor com Enrico. Quando está prestes a ser mãe ela vai para um hospital, onde sabe, pelos médicos, que o parto lhe custará a vida. Manda então chamar a mãe de Enrico a quem pretende entregar o filho que deve nascer. Elena, sofre muito, mas não morre. Retém portanto, consigo, a criança. Para mantê-la aceita um lugar como cantora em um "cabaret" do qual é proprietária uma tal senhora Lopez, uma mulher original de descendência espanhola-tunisiana que anuncia uma tournée nas principais cidades da Europa e da África, onde o seu secretário está conseguindo os contratos. Dias depois regressa o secretário que é o amante da senhora Lopez. Elena reconhece nêle o perigoso Suprina. Êste, tem uma questão na justiça e convida Elena para testemunho. Elena recusa, porque não quer mais pôr os pés num tribunal. Nessa noite aparece no "cabaret" o advogado que dando ao garçon uma boa soma, consegue que Elena cante "Cuore Ingrato'. Era a canção que ela cantara para êle em Capri. Ao terminar a canção Elena vai refugiar-se no seu quarto, Suprina segue-a e quer possuí-la à fôrça. Há uma luta entre ela e o bandido. Êste sai ferido e Elena vai novamente sentar-se no banco dos réus e diante dela Enrico, não como defensor mas como acusador da parte civil. Durante o julgamento o advogado acusa a ré de ser amante e cúmplice de Suprina.

Elena para defender-se diz que tem um filho de um homem que lhe jurara amor, mas do qual se afastara por pedido de sua mãe.

Enrico golpeado tràgicamente por esta confissão, aproveita-se de um intervalo do julgamento para procurar sua mãe e verberar-lhe o procedimento.

No dia seguinte o processo termina e Elena é posta em liberdade começando nova vida ao lado de Enrico e de seu filho.

DE DOMADORA DE LEÕES...

(Cont. da pág. 11)

do-se a estrêla de maior êxito do cinema alemão, em filmes-revista que ficavam semanas em cartaz. Dentre suas películas de então, destacaram-se "A mulher dos meus sonhos", "A vida e os amôres de Tchaikowski", "Carrossel" e "Uma noite em maio". Quando a guerra começou, Marika Rokk deixou a Alemanha e, como bailarina e cantora, estrelou várias operetas e inúmeras revistas em várias partes da Europa.

A VOLTA TRIUNFAL

O cinema continuava, porém, a exercer o seu fascínio sôbre a estrêla e, em 1949, Marika Rokk voltou a aparecer diante das cameras. O produtor de Hollywood, Boris Morros, estava em férias na Europa e, em 1952 descobrindo que o novo processo alemão de colorido, aperfeiçoado na Áustria, o "agfa-color", era um excepcional veículo para um filme musical, convidou Marika Rokk para ser a estrêla de um filme que se chamou "Férias no Danúbio" e que, de certa maneira é uma biografia da bela Marika. Nessa película, ela canta e dança num restaurante, até surgir como estrêla numa sensacional série de números de revista. O "agfa-color", os quadros musicais de grande efeito e as canções da velha Viena, com a sedução do Danúbio, tornaram a volta de Marika Rokk o mais espetacular êxito do cinema europeu de após-guerra e o fato de Marika ter sido considerada, já antes do conflito, como a herdeira e sucessora de Martha Eggerth, se reafirmou agora, nesse filme em que a loura estrêla canta e dança como só ela o sabe fazer.

DE TANGA E DE SARONG

(Cont. da pág. 12)

Felizmente o pagé da tribo, Bhoma Da, havia conhecido o pai de Lalá e prepara uma ótima recepção para a trindade maluca. George e Harold fazem o possível para fugir, mas nada conseguem de positivo. Bhoma Da, que é um pagé de idéias práticas, diz à Lalá que nada impede que ela se case ao mesmo tempo com os dois rapazes, tanto mais que sendo êles órfãos, não há o perigo do excesso de sogras...

Os preparativos para o casamento da trinca são porém interrompidos quando o chefe Ramaiana, seguindo os maldosos conselhos do recém-chegado Ken Arok, exige que Lalá seja a sua 17.ª espôsa.

A súbita erupção do vulcão livra porém Lalá dêsse estapafúrdio consórcio. E aproveitando-se do pânico na praça, ela, George e Harold fogem embrenhando-se nas selvas. Ao chegarem à praia, divisam um navio no justo momento em que Lalá chega à conclusão de que George é que é realmente o homem de seus sonhos!

De repente, como num passe de mágica, aparece JANE RUSSELL, ou seja a mulher dos sonhos de Harold...

ESTRÉIAS NO MUNDO DO CINEMA

(Cont. da pág. 6)

"I LOVE MELVIN" — Metro Goldwin Mayer

Efetivamente, estão em grande moda os filmes que focalizam a vida interna de Hollywood. "I Love Melvin" também é um dêsses, em que Debbie Reynolds faz uma jovem que sonha com as glórias do cinema, enquanto que a família articula para ela um casamento com um grande industrial. A jovem, porém, pensando chegar ao estrelato por obra e graça de um humilde assistente de fotógrafo de uma grande revista, dêle se enamora, passando a posar para as ilustrações de uma reportagem imaginária. Debbie torna-se uma "cover girl", mas os seus reais propósitos não se realizam...

PROGNÓSTICO: — Comédia satírica organizada com ingenuidade, como convém a Debbie Reynolds. Poderá agradar em seu lado romântico, por fôrça da interpretação de dois jovens valores Miss Reynolds e Donald O'Connor.

O FÃ PERGUNTA...

(Cont. da pág. 20)

e de Lady Lawford. Nunca frequentou colégios, tendo recebido sua educação por meio de mestres especialmente contratados para lhe ministrar aulas em casa. Começou no cinema com sete anos de idade, no filme "Old Bill", feito na Inglaterra. E' solteiro e seu último filme é "I Meet You" com Jane Greer.

Walter Siqueira (Rio) "...qual o nome do ator que fêz o papel do Presidente Grant, no filme "Noites de Verão?"

R. — Chama-se Reginald Sheffield, ator especializado em viver figuras históricas.

Inez Serrano (São Paulo) "...notícias de Joan Leslie..."

R. — Infelizmente, não as temos. Miss Leslie parece que abandonou de uma vez o cinema, o que é lamentável, pois, era uma atriz muito simpática e de bastante popularidade.

Maria Eva Teles (Cuiabá) "...qual o próximo filme de Lawrence Olivier?"

R. — Depois de ter terminado "The Beggar's Opera", em que atua como um barítono, Sir Lawrence Olivier pretende filmar "King Lear" que será uma produção, direção e interpretação de si mesmo. Será talvez o papel mais vibrante de sua carreira, pois, é sabido que o papel do Rei Lear é o mais difícil de tôda a obra shakespeareana.

PONTOS DE VISTA

(Cont. da pág. 28)

"O que não falta nesta terra é anunciante de rádio burro pra burro, pensando que, com chateação, arranja freguesia. Mal sabe o abobocado que, com êsse processo, está mas é contribuindo para a irritação do ouvinte, e dêste modo, provocando sua antipatia para o produto que deseja impingir". — *Marijô.*

★

"As emissoras cariocas vêm contratando uma classe de artistas que não merece uma simples crítica. Principalmente no sexo feminino êste fato se acentua. E' um crime, não temos dúvida, êsse que praticam os dirigentes de nossas estações. — *RS.*

★

"Quando é que os dirigentes da Nacional resolverão policiar a ação do sr. Paulo Gracindo no "Balança mas não cai"? Já é tempo de ser tomada u'a medida enérgica contra as piadas imoralíssimas ilustradas no cartaz sextafeirino da **PRE-8**. Quando, sr. Vitor Costa, teremos uma "Balança" mais levezinha?..." — *Ocosa.*

GIGOLÔ E GIGOLETE

(Cont. da pág. 8)

Monte Carlo, um número sensacional que lhe arriscaria diàriamente a vida, em pagamento de um amor do qual por fim chegou a duvidar.

Nigel Patrick e Roland Culver são os protagonistas do primeiro conto. Kay Walsh, do segundo e Glynis Johns e Terence Morgan, do terceiro.

Sem nenhuma exceção, todos estão magníficos nesse filme que é pura literatura, do começo ao fim, mas uma literatura vivida e sofrida — sobretudo sofrida — tão anti-cinema, contudo, tão substanciosa nas formas visuais que recebeu.

ATRÁS DAS CAMERAS

(Cont. da pág. 10)

A coisa mais difícil do momento aqui no Rio, é a de conseguir um ator, um extra ou mesmo uma pontinha, para trabalhar no cinema carioca, pois todos estão atualmente em São Paulo. Será que esta situação vai continuar assim seu Ribeiro Jr.? V. S. é o único homem de negócio de cinema entre nós, que pode realmente fazer com que a supremacia do cinema no Brasil, seja da Capital da República.

★

Monsieur Joachim Menezes da ABCC, vai voltar dentro de poucos dias a Paris, a fim de avistar-se com o Presidente da República, para agradecer pessoalmente o convite.

★

Querem saber o que estava fazendo Alberto "Cangaceiro" Ruschel no "Clube dos 500", que fica em Guaratinguetá, na Rio-S. Paulo? Estava almoçando em companhia de Osvaldo Sampaio. Com certeza estavam estudando o argumento de Osvaldo "A Estrada". Nenhum lugar mais próprio, porque nem repararam na presença do orientador desta revista.

DISCOS EM DESFILE

Da Musidisc

A marca do cantor Nilo Sérgio vai lançar, na interpretação do Trio Surdina, da Orquestra de Léo Perachi e côro, um magistral LP com músicas selecionadas de Ary Barroso. Um acontecimento que já se fazia esperado, não temos dúvida de que essa nova iniciativa da Musidisc terá a mais ampla acolhida de nosso público. As músicas gravadas serão; "Rio de Janeiro", "Inquietação", "Na Baixa do Sapateiro", "Risque", "Aquarela do Brasil", "Por causa dessa caboca", "Brasil moreno", "No taboleiro da baiana".

★

Carlos Carrié é o novo contratado da Musidisc à quem, provàvelmente, será entregue a interpretação do samba-canção "Desêjo atroz".

Da Mocambo

O primeiro disco Mocambo apresenta o estreante Claudionor Germano, no frêvo-canção "Boneca", muito bonito, aliás. Claudionor Germano é um dos jovens cantores mais bem sucedidos do Recife. Possui uma belíssima voz.

GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeiras, serviço de café, máquina de escrever, liquidificador, máquina de costura e muitas outras coisas úteis.

Conheça o Brasil: recorte da REVISTA DA SEMANA e colecione lindas gravuras coloridas de valor histórico e geográfico com ótimo texto educativo

no Álbum Revista da Semana

ATENÇÃO

As figuras coloridas, que deverão ser recortadas da «Revista da Semana» e colocadas no «Álbum», começaram a ser publicadas na «Revista da Semana» n.º 12, de 21 de março de 1953. Números atrasados da «Revista» bem como o «Álbum», são encontrados em todos os jornaleiros do Brasil.

Pedidos à Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.

Condições na

REVISTA DA SEMANA

a venda em todos os jornaleiros

Redação: Rua Maranguape, 15 — Rio —



Realização da Brazília Turística e Comercial S. A.

RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134 — RIO DE JANEIRO

Rádio Cena

